



# **Universidade de Brasília**

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**Um estudo de caso sobre a participação das equipes de futsal de duas escolas  
(pública e particular) nos Jogos Escolares do Distrito Federal**

**Leandro Fialho Ribeiro**

BRASÍLIA,  
2018

Leandro Fialho Ribeiro

Um estudo de caso sobre a participação das equipes de futsal de duas escolas (pública e particular) nos Jogos Escolares do Distrito Federal

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física

Área de Concentração: Educação Física

Orientador: Dr. Pedro Fernando Avalone de Athayde

Brasília,

2018

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Um estudo de caso sobre a participação das equipes de futsal de duas escolas (pública e particular) nos Jogos Escolares do Distrito Federal”, de autoria do aluno Leandro Fialho Ribeiro, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

**Banca examinadora**

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Pedro Fernando Avalone de Athayde  
Orientador  
Universidade de Brasília – UnB

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Danielle Batista de Moraes  
Membro externo  
Instituto Federal de Goiás – IFG

Brasília, 07 de dezembro de 2018

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecimento especial aos meus pais, por toda força, paciência, carinho e apoio de sempre, principalmente nesse período importante da vida acadêmica e pessoal! São exemplos e referências de ser humano e tem toda a minha admiração e amor.

Aos meus familiares, em especial minhas irmãs, que sempre estão me apoiando e compartilhando os momentos comigo.

Ao meu professor orientador, Pedro Athayde, tão importante e que topou fazer parte desse processo e ajudou na escolha do tema, bem como da construção desse trabalho.

Agradecimento também à Danielle Batista, que foi muito importante na fase final de orientação, ajudando demais com a execução do trabalho e nas conversas durante as reuniões.

Aos amigos e colegas de curso que compartilharam desse momento comigo, suas histórias, seus desejos, suas vontades, suas ambições, e que foram fundamentais também para o processo de formação e que espero poder estar junto por muito tempo, tanto do ponto de vista pessoal, como profissional também ao longo dessa nossa jornada.

A todos os professores e pessoas que passaram de alguma forma por esse período e que deixaram sua marca, seu conhecimento, sua experiência, que também foi de extrema importância para o crescimento pessoal e profissional. Sentimento de muita gratidão por todas essas pessoas e pelos momentos intensos vividos.

## **LISTA DE SIGLAS**

CBCE – Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

CID – Centro de Iniciação Desportiva

COB – Comitê Olímpico Brasileiro

COI – Comitê Olímpico Internacional

CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro

DF – Distrito Federal

EF – Educação Física

GEFID/DISPRE/COET/SUBEB - Gerência de Educação Física e Desporte Escolar

JEDF – Jogos Escolares do Distrito Federal

JEJ – Jogos Escolares da Juventude

## RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de identificar as diferenças de preparação para os Jogos Escolares, de duas equipes de futsal, uma equipe é de escola pública e a outra de escola privada, identificando suas interfaces com o planejamento pedagógico da aula de Educação Física escolar. Tal identificação e análise foi feita através de um estudo de caso e de pesquisa social de caráter qualitativo, sendo feitas entrevistas com os professores das equipes de futsal, com a coordenadora da escola pública e com o orientador educacional da escola privada. Para isso, foi feito um referencial teórico pautado na literatura sobre: 1) as relações entre esporte e escola; 2) Os Jogos Escolares do DF e 3) Os Jogos Escolares da Juventude, para dar suporte à discussão sobre os resultados encontrados ao fim da pesquisa. A análise dos discursos obtidos através das entrevistas deu condição para a identificação das diferenças e semelhanças entre os dois âmbitos, seja na mobilização da comunidade escolar em torno da participação das escolas nos Jogos, seja na relação com o planejamento pedagógico e as aulas. Analisando esse caso, percebeu-se que os Jogos apesar de difundir um caráter pedagógico e uma vertente educacional para sua realização, pois está relacionado com o ambiente escolar, são pautados pela lógica do processo de seleção dos melhores, pela valorização do rendimento e dos resultados conquistados. Em relação às escolas, as duas tem processo de organização diferente, mas a mobilização em torno da participação nos Jogos acontece de forma muito marcante nos dois espaços. Ambas selecionam os melhores alunos para integrarem as equipes de futsal, e são as duas últimas campeãs das edições dos Jogos Escolares do DF na modalidade, tendo estratégias de preparação contínuas e a médio prazo para conseguirem tais resultados.

Palavras chave: Jogos Escolares, Estudo de Caso, Futsal

## SUMÁRIO

<b>1º CAPÍTULO – INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2º CAPÍTULO – METODOLOGIA.....</b>	<b>11</b>
<b>3º CAPÍTULO – REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>15</b>
3.1 – A relação entre esporte e escola.....	15
3.1.1 – A história da Educação Física no ambiente escolar.....	15
3.1.2 – O papel do esporte e da EF na escola.....	19
3.1.3 – Relação entre esporte escolar e esporte de alto rendimento .....	25
3.2 – Jogos Escolares da Juventude .....	29
3.3 – Jogos Escolares do DF .....	34
3.4 – O futsal dentro dos Jogos Escolares.....	37
<b>4º CAPÍTULO – RESULTADO E DISCUSSÃO .....</b>	<b>40</b>
<b>5º CAPÍTULO - CONCLUSÃO .....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>
<b>ANEXOS E APÊNDICES – Roteiros de entrevistas semiestruturadas e termos de consentimento livre e esclarecido.....</b>	<b>62</b>

## 1º CAPÍTULO – INTRODUÇÃO

A história da Educação Física escolar passa por diversas influências quanto ao seu surgimento. Influências higienistas e eugênicas, que foram fortalecidas, principalmente, pelos discursos das instituições médica e militar. Uma instituição que esteve, e ainda está, muito fortemente ligada à Educação Física (EF) é a esportiva, sendo confundida muitas vezes e até tornando-se sinônima da mesma. O esporte dentro do ambiente escolar tem grande importância enquanto conteúdo dentro das aulas, porém o que se discute é a forma como o mesmo é abordado, qual o sentido que se dá, e qual é a finalidade de tal conteúdo para o processo de desenvolvimento e formação dos indivíduos.

Com a disseminação do esporte dentro de tal ambiente, essa relação foi estabelecendo uma série de discussões, além da criação de políticas que serviam para dar suporte à essa relação. Uma das políticas criadas no século passado, que evoluiu e existe nos dias de hoje, são os Jogos Escolares. Tal tema é o objeto de pesquisa do presente estudo, a partir da análise de duas escolas do DF na participação da modalidade futsal dentro dos Jogos.

Os Jogos Escolares se caracterizam por ser uma política que estabelece uma relação entre esporte e escola, sendo que é um evento que acontece tanto a nível regional, como nacional, anualmente. Surgiu no final da década de 60 e acontece até o período atual. Estudantes de todo o Brasil participam das competições escolares que envolvem variadas modalidades e são divididas em duas etapas de acordo com a faixa etária, de 12 a 14 e de 15 a 17 anos.

Assim, é de grande importância entender como os Jogos Escolares acontecem na prática, como e se interferem no planejamento escolar, nas atividades curriculares e/ou extracurriculares, além da influência na prática pedagógica dos professores. Essa investigação é relevante dentro da área da Educação Física, pois pode auxiliar os professores desta disciplina escolar a entender o papel do esporte na escola, dos Jogos dentro dessa relação, e como orientar e direcionar sua prática pedagógica e os alunos na participação desse processo, entendendo que o mesmo faz parte e deve estar alinhado com os objetivos pedagógicos da escola.

A pesquisa também foi relevante ao pesquisador pois o tema é de grande importância dentro do contexto de formação acadêmica, da escolha do tema, da escolha das escolas, além da modalidade escolhida, tendo grande valor pessoal.



Essas questões valorizam o trabalho e são relevantes para uma análise mais aprofundada sobre o objeto de pesquisa, sob uma outra visão agora, do ponto de vista de pesquisador, entendendo um outro lado sobre o tema, de uma forma mais aprofundada sobre a concepção, os objetivos de tal política, a finalidade e o que pode ser oferecido e possibilitado com sua realização.

A pesquisa tem como questões e problemas para analisar e buscar respostas, os seguintes pontos: Há diferenciação na mobilização e organização de escolas públicas e privadas para participação nos Jogos Escolares? De que forma a participação interfere no planejamento pedagógico das aulas de Educação Física Escolar? Quais são os objetivos e interesses dessas escolas ao fazer parte dos Jogos?

O objetivo do presente estudo então é entender a participação de duas escolas nos Jogos Escolares a partir da modalidade futsal. Escolas essas que pertencem à dois âmbitos diferentes. Identificar as diferenças de preparação das equipes de futsal para participação nos Jogos Escolares do DF, identificando suas interfaces com o planejamento pedagógico da aula de Educação Física escolar, é o objetivo principal.

Identificar o papel dos Jogos para as mesmas, o papel do professor, a contribuição deste evento a formação dos estudantes, o envolvimento da comunidade escolar, além de identificar se nas escolas pesquisadas há tempos e espaços específicos para a preparação desta iniciação esportiva das equipes de futsal, e quais são as estratégias de seleção e os mecanismos de preparação utilizados pelas escolas, são objetivos específicos do estudo. Os documentos oficiais, a fala dos gestores e professores das escolas vão servir como parâmetro para tal análise, entendendo que isso se aplica a esses ambientes.

Para exposição do trabalho consolidamos a seguinte organização dos capítulos: a) inicialmente, neste primeiro capítulo acima trouxemos a introdução ao estudo realizado neste trabalho, apresentando a justificativa da pesquisa por meio da exposição da relevância do objeto, da relevância acadêmica para a área, da relevância para a produção do conhecimento e para a formação do pesquisador. Também foi apresentado o problema de pesquisa juntamente com questionamentos orientadores da pesquisa, além de expor o objetivo que esta pesquisa almejou seguida da forma de exposição deste trabalho em capítulos; b) no segundo capítulo faremos a apresentação da metodologia utilizada na pesquisa de campo, explicando

o caráter da pesquisa, o tipo de estudo pretendido que é o estudo de caso em pesquisa educacional, o motivo da escolha de duas escolas que participam dos Jogos Escolares do Distrito Federal, motivo da escolha da modalidade e como será os procedimentos e técnicas de pesquisas empregadas; c) no terceiro capítulo construímos um referencial teórico que será utilizado para dar base às discussões. Os textos e referências serão divididos de acordo com os temas que perpassam pelo objeto do estudo, como o debate da relação de esporte e escola, abordando a história da Educação Física no ambiente escolar, o papel do esporte e da Educação Física na escola, a relação entre esporte escolar e esporte de alto rendimento, Jogos Escolares da Juventude, Jogos Escolares do DF e o futsal dentro dos Jogos Escolares com uma breve caracterização da modalidade, sua inserção nos jogos e a representatividade de escolas públicas e particulares do DF no evento também será analisado.; d) e no quarto capítulo temos as análises e discussões dos dados, baseados nos instrumentos, entrevistas realizadas e documentos oficiais, com intuito de compreender o discurso sobre o tema delineado ao longo dos debates apresentados no trabalho; e) por fim, no quinto capítulo mostraremos as considerações finais que serão apresentadas, tendo em vista se as questões problemas conseguiram ser identificadas a partir da pesquisa de campo, se as respostas para tal questões apareceram, se os objetivos conseguiram ser cumpridos e analisados, e na possível aplicabilidade que o estudo nos traz sobre o tema em questão.

## 2º CAPÍTULO – METODOLOGIA

Neste capítulo indicaremos considerações acerca dos caminhos projetados para investigar o objeto de pesquisa – JEDF – por meio do recorte da participação de duas escolas na modalidade de futsal.

Para a realização da pesquisa, foi escolhido o tipo de pesquisa social de caráter qualitativo, sendo um estudo de caso onde duas escolas foram selecionadas para a realização de tal pesquisa.

Fazendo uma breve explicação sobre o tipo de pesquisa escolhido, pode-se fazer algumas considerações. Sanchez Gamboa (2003) traz esse contexto, onde é observado que a pesquisa de cunho qualitativo surgiu para contrapor as pesquisas e estudos quantitativos existentes, que tinham a preocupação com a quantificação dos dados, análise estatística, a lógica racional obtida dos dados apresentados, excluindo a possibilidade de interpretações e novas visões sobre o objeto em estudo.

Dessa maneira, a pesquisa de caráter qualitativo tinha o objetivo justamente de dar esse outro sentido às pesquisas, possibilitando a análise a partir de visões e interpretações diferentes, baseadas em um referencial teórico que dê suporte à discussão dos dados obtidos, dos relatos apresentados, de entrevistas e de observações. Contribui então, para a qualificação das pesquisas e dos objetos de estudo, na forma de interpretação dos dados e na aplicação desses resultados para o campo prático, para a transformação do objeto em estudo na sociedade.

Assim quando se fala de pesquisa qualitativa se refere à coleta e tratamento de informações sem uso de análise estatística, a instrumentos como entrevistas abertas, relatos, depoimentos, documentos que não fecha a interpretação num único sentido (paráfrase), mas, permite o jogo de sentidos (polissemia). (SANCHEZ GAMBOA, p. 399. 2003)

Assim, foi utilizado no presente trabalho a pesquisa de caráter qualitativo, para estudo dos Jogos Escolares do DF, com intuito de coletar e analisar qualitativamente os dados no sentido de aproximar as reais determinações do objeto abordado.

Um estudo de caso se caracteriza por ser um método em que se faz a análise de uma parcela do fenômeno a ser estudado, um recorte da realidade que se analisa a partir da escolha do tipo de caso. Alves-Mazzotti (2006) cita isso, onde entende-se

que tal procedimento não significa, porém, que deve ser estudado ou escolhido para entendimento só daquele local, daquele grupo, ou daquele indivíduo, mas sim uma forma de a partir do estudo de caso poder-se fazer uma comparação com tal fenômeno na sociedade, tendo esta importância e relevância que justifiquem seu estudo.

Assim, torna-se importante descrever como foi feita a escolha do caso e dos elementos em que a compõe, bem como descrever o tipo de estudo que foi feito, a amostra, os dados obtidos, de forma qualitativa, sendo importante estabelecer aplicabilidade para tal estudo de caso, a fim de se ir além do caso analisado “... o estudo de caso qualitativo constitui uma investigação de uma unidade específica, situada em seu contexto, selecionada segundo critérios predeterminados e, utilizando múltiplas fontes de dados” (Alves-Mazzotti. 2006, p. 650)

A escolha do caso que apresenta determinada particularidade foi realizada com base no resultado dos Jogos Escolares do DF, na modalidade de futsal masculino, no período que compreende os anos de 2017 e 2018, sendo que a vitória foi de uma escola particular no ano passado e de uma escola pública no ano atual.

A escola particular tem participado tradicionalmente dos jogos e obtido resultados positivos no que diz respeito aos Jogos Escolares da Juventude e Jogos Escolares do DF, que são objetivos de análise do presente trabalho, além de ser uma escola que divulga seu projeto de esporte com sucesso no cenário regional e nacional.

Já a escola pública, campeã de 2018, não apresenta essa linha contínua de títulos, mas tem como particularidade, o professor de futsal que conduz a equipe de futsal masculino. Este professor é renomado no DF pelas conquistas obtidas, além de ser o último professor de escola pública que, antes dessa atual edição, conquistou o título, há 12 anos atrás.

Para a realização da pesquisa de campo, foi feita inicialmente uma revisão de literatura sobre a relação entre o esporte e escola e todos os seus desdobramentos, além da análise de documentos sobre os Jogos Escolares a nível distrital e nacional e sobre os Projetos Políticos Pedagógicos das escolas. Posteriormente, foram feitas entrevistas com os gestores e professores de ambos espaços escolares, tanto da escola pública como da escola privada.

As entrevistas se caracterizam por serem instrumentos de coletas de dados, em que se consegue ter uma conversa com o entrevistado, a fim de saber seu ponto

de vista, sua crença, seu entendimento sobre determinado tema a ser estudado. Dito isso, para essa pesquisa foi utilizado o tipo de entrevista semi-estruturada, em que a conversa não se fecha somente ao roteiro de perguntas, mas abre-se espaço para entrevistador e entrevistado discutirem sobre o tema, além das perguntas. “As entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto”. (Boni e Quaresma, 2005, p. 75)

As entrevistas instrumentalizaram a intenção de perceber a relação entre esporte e escola, a importância dos Jogos para a escola, a forma como a escola se prepara e participa dos Jogos, e também, como os mesmos afetam o cotidiano e o planejamento das atividades nos ambientes escolares. Além disso foi vista a importância que tal política tem para os alunos, a partir do envolvimento que estes têm com as atividades pedagógicas e extracurriculares, e a comunidade escolar.

Na escola pública, foi feita entrevista com o técnico da equipe de futsal, que pertence ao Centro de Iniciação Desportiva (CID) de Samambaia, além da coordenadora pedagógica, que também é professora de Educação Física. Na escola privada, foi feita a entrevista com o orientador educacional e que também faz parte da comissão técnica da equipe de futsal da escola. Todos os indivíduos escolhidos fazem parte do processo de participação das equipes nos Jogos. É possível, dessa forma então, ter a visão dos professores que estão acompanhando as equipes de futsal, e da gestora e do orientador educacional que tem a visão mais estratégica e fazem parte do processo de planejamento escolar.

O roteiro de entrevistas foi construído de duas maneiras diferentes de acordo com o objetivo e com a pessoa que iria ser entrevistada. Um modelo foi construído para a coordenadora pedagógica e para o orientador educacional, e um segundo modelo feito para os professores das equipes. O primeiro tinha a finalidade de entender como era a visão dos gestores sobre os Jogos, sobre a participação da escola no evento, além de entender qual era a relação que se estabelecia com o planejamento pedagógico e com as aulas. O segundo modelo tinha a finalidade de entender o funcionamento e a participação das equipes na prática, entendendo a visão sobre esporte e sobre os Jogos que os professores tinham, como eram construídas as equipes, a relação com a EF, além de perceber como os professores viam a organização dos Jogos.

Os dois modelos tinham 10 perguntas e, para melhor entendimento, pode-se fazer uma divisão de acordo com o tema/categoria que se pretendia ser analisar. No primeiro modelo, essa divisão se deu da seguinte maneira: as duas primeiras perguntas queriam verificar a visão que o gestor tinha sobre o esporte, sobre o seu papel dentro da escola, além de identificar se o esporte estava dentro do projeto político-pedagógico e de que forma isso acontecia. Outras duas queriam entender como os Jogos afetavam o cotidiano escolar, o porquê de a escola participar e qual a importância que eles viam sobre tal política. As três perguntas seguintes queriam entender como a participação afeta no cotidiano e planejamento pedagógico, qual o apoio dado pela equipe gestora às equipes esportivas e se havia algum tipo de interferência na preparação das equipes. As três últimas queriam identificar se havia algum tipo de mecanismo para acompanhar o rendimento escolar dos estudantes que faziam parte das equipes, se havia algum tipo de incentivo extra por parte da equipe gestora para atrair e estimular os estudantes, além de entender se a participação desses alunos nas equipes e nos Jogos, desencadeava em uma maior participação e envolvimento dos mesmos nas atividades extracurriculares e pedagógicas, juntamente com a comunidade escolar.

O segundo modelo, voltado para os professores das equipes de futsal, seguiam o seguinte roteiro: as perguntas do outro modelo sobre o papel do esporte, a ligação com o projeto político-pedagógico, a importância dos jogos, o porquê da escola participar do evento, além de entender se há algum mecanismo de acompanhamento do rendimento escolar dos estudantes das equipes e se há nível maior de envolvimento e motivação também aparecem nesse modelo. A diferença agora foi identificar a partir do discurso dos professores, como as equipes eram formadas/construídas; se havia espaço para um planejamento conjunto entre os professores de EF da escola e o professor da equipe de futsal; qual a visão que estes tinham sobre a organização dos Jogos ser feita pela Secretaria de Educação do DF e não do esporte, o que eles achavam e argumentavam sobre isso, além de ver quais os aspectos positivos e negativos que tais professores viam sobre os Jogos.

A partir desses temas/categorias, com alguns objetivos diferentes para os entrevistados, de acordo com sua função e papel dentro da escola e para a participação das equipes nos Jogos, definiu-se tal roteiro que irá ajudar a analisar o objeto principal do trabalho e tudo que envolve tal objeto.

### **3º CAPÍTULO – REFERENCIAL TEÓRICO**

#### **3.1 – A relação entre esporte e escola**

Há no imaginário social do brasileiro a ideia de que a escola é um espaço privilegiado para o desenvolvimento da prática esportiva, sobretudo da população jovem. Essa noção que, a priori, não é completamente equivocada se constrói histórica e socialmente a partir da influência de diferentes instâncias coletivas e discursos legitimadores. A título de exemplo, poderíamos citar aqui o papel desempenhado pelas instâncias militar e médica no surgimento da Educação Física e sua consolidação ao espaço escolar, bem como os discursos governamentais e científico da escola como base de formação e detecção de jovens esportistas.

No entanto, não é escopo desse trabalho desenvolver uma análise filosófica ou sociológica das raízes explicativas para a construção do imaginário social, o utilizamos apenas como um fato ilustrativo de como o esporte e a escola estão relacionados mesmo para aquelas pessoas que não tem esses espaços como alvo de estudo ou intervenção. Nesse sentido, partimos do suposto que é importante abordar os elementos históricos que constituem essa relação e – dentro dela - possíveis contradições entre o papel esperado e o desempenhado por essas instituições.

##### **3.1.1 – A história da Educação Física no ambiente escolar**

Embora, conforme já destacamos, nossa proposta seja abordar a relação entre o esporte e a escola, não há como tratar – do ponto de vista histórico – essa interface sem antes apresentar sumariamente a história da Educação Física.

A Educação Física tinha como função social, principalmente ao surgir na Europa no século XIX, preparar os indivíduos para as transformações que vinham ocorrendo no mundo, como a substituição do trabalho no campo pelo trabalho nas fábricas, a migração do ambiente do campo para os espaços urbanos, a preocupação com a saúde e a preparação da população à serviço do país. Dessa forma precisava-se lidar com as novas formas de expressão e conhecimento acerca do próprio corpo e do estado em que estes se encontravam. Assim as instituições e

os métodos começaram a se desenvolver e se estabelecer ao longo do tempo, tendo a incorporação de práticas corporais nos currículos escolares e a valorização da atividade física como fator de garantia da saúde, papéis importantes dentro desse processo.

O século 19 vai ser o século da sistematização dos chamados métodos ginásticos, cujo discurso científico fundamentador era predominantemente derivado das ciências biológicas, com os intelectuais sendo os construtores desse discurso oriundo do campo médico e também pedagógico, sendo, neste último caso, a fundamentação também fortemente marcada por pressupostos biológicos. (BRACHT, V. 2014, p.26)

Dentro desta ótica, é notório que tais transformações e desenvolvimento dos métodos desencadeou no surgimento de uma Educação Física voltada para atender tais demandas, para visar e atender à projetos de desenvolvimentos das nações que viam a necessidade de modificar e fortalecer o papel do indivíduo na sociedade, dos pontos de vista físico, mental, emocional e comportamental. Essa relação se estabeleceu fortemente pelo suporte que a área biológica deu.

Historicamente, a Educação Física surgiu nas escolas brasileiras, permeada pelas influências higienistas e eugênicas. As instituições médica e militar foram responsáveis por implementar essa visão. A intenção do movimento higienista era de proporcionar respostas científicas para os problemas sociais advindos da relação turbulenta do capital e trabalhadores, como a miséria, para promover a ideia de evolução da sociedade no contexto da prevenção de doenças. Seus discursos tinham caráter moralizador, normativo e adaptativo-educativo com intuito de alterar hábitos, valores, crenças e costumes. Góis Júnior (2013) traz essa questão como a legitimação dos saberes médicos para a disseminação de uma cultura higienista, que se promovia dentro do contexto escolar incluído no projeto de nação brasileira desejada.

Por outro lado, a proposta científica da eugenia era explicar biologicamente a humanidade e as consequências disso, no que se refere principalmente as teorias raciais vinculadas a ideais como regeneração e embranquecimento da raça, fortalecer a vontade, desenvolver a moralidade e defender a pátria. “Para os higienistas sociais, interessava a possibilidade, apontada pelo eugenismo, de utilização de todos os conhecimentos no sentido de melhorar física, mental e racialmente as futuras gerações brasileiras”. (Mansanera, A; Silva, L. p.121)



No caso dos militares a vinculação com o ambiente escolar e a política educacional foi mais forte, sobretudo em governos autocráticos. No caso da Educação Física, a interferência militar se consolidou por meio do método calistênico e do conteúdo ginástico. Conteúdos estes que surgiram na Europa, principalmente na França, Alemanha e Suécia e tinham a perspectiva do ensino de técnicas ginásticas, dando base ao que seriam as primeiras aulas de educação física. No Brasil, o método francês foi o mais utilizado. Num primeiro momento, como aborda Soares (1996), esse método não buscava o ensino da ginástica na escola, mas serviu como discurso das instituições para a disseminação e a busca de conteúdos e práticas que estariam presentes no ensino escolar.

Os primeiros professores de Educação Física eram vinculados às instituições militares e tinham como prática pedagógica a lógica militar. A atuação pedagógica baseava-se no ideal de valorização dos corpos, da formação de corpos robustos e preparados fisicamente.

As décadas de 30 e 40 no Brasil, sob forte influência militar, foram fundamentais para uma Educação Física escolar baseada no projeto de desenvolvimento que se queria para o país, tendo relação com o projeto de educação implementado e com as estratégias do Estado para a formação dos indivíduos no período escolar, disciplinando e fortalecendo os corpos. Forte exemplo disso é a obrigatoriedade que a EF passa a ter com a divulgação do artigo 131 da constituição de 1937, em pleno período de Estado Novo.

Sem desprezar as influências médico e militar, uma instituição que também impactou significativamente a Educação Física escolar foi a esportiva. Dentro dessa nova relação, a educação física e esporte tornaram-se, praticamente, sinônimos, visão que ainda é recorrente entre o senso comum. A esportivização passou a ser característica marcante das aulas de Educação Física, além da presença de um modelo tecnicista, com valorização da técnica, da repetição de movimentos e do repertório motor.

Seguindo a linha de Bracht (2014), começa-se a entender de que forma o fenômeno esportivo se impõe e tem uma relação estreita com a EF. No século XX, principalmente após a segunda guerra mundial, o desenvolvimento do esporte tornou-se significativo na Europa e anos depois no Brasil, onde a EF começou a se legitimar através desse tema a partir de uma pressão externa, pois tinha-se a dúvida se esta era disciplina acadêmica ou científica, além da dificuldade dos próprios

pensadores da EF de teorizar a sua prática pedagógica. Isso não significou que o caráter pedagógico não estivesse presente até esse período, podendo-se observar nesse trecho de Bracht (1999, p.77) “até o advento das ciências do esporte nos anos 70, o teorizar no âmbito da EF era sobretudo de caráter pedagógico, isto é, voltado para a intervenção educativa sobre o corpo; é claro, sustentado fundamentalmente pela biologia”.

A partir desse contexto, as chamadas ciências do esporte começaram a se desenvolver, nas áreas da fisiologia, biomecânica, psicologia e da medicina esportiva também, de forma que as principais linhas de pesquisa e discussões se voltavam para essa área. Um dos principais objetivos com essa mudança era a adoção de um caráter científico, algo que a EF ainda não conseguia se legitimar como área, além de ter como objetivo também a busca da melhoria do rendimento e dos resultados esportivos. Dessa forma, a partir dos anos 60 e 70 a EF se desenvolve a partir dos interesses da instituição esportiva, que volta a sua produção científica para esse tema e investimentos são feitos para o desenvolvimento da ciência nessa área.

No Brasil não foi diferente, sendo que a partir dessa influência e das questões citadas anteriormente, o esporte tomou grande importância e encontrou como base de sustentação para isso o ambiente escolar, que serviu de suporte à elite desportiva. Dessa forma a prática pedagógica da EF enquanto conteúdo no âmbito escolar não era voltada à manifestação e disseminação das práticas da cultura corporal de movimento, mas sim do ensino de técnicas esportivas voltadas ao desenvolvimento das habilidades e do rendimento esportivo, tornando-se o esporte conteúdo fundamental na EF escolar dentro desses moldes. Assim, não importava a evolução ou não do sistema educacional perante essa lógica, mas sim se os resultados foram obtidos e se o sistema esportivo foi beneficiado. O exemplo disso se reflete na criação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) em 1978.

A partir das décadas de 80 e 90, com a intenção de se criar teorias que estejam voltadas mais para o caráter pedagógico, a EF passa por transformações quanto à visão que se tem sobre sua prática pedagógica e sobre o seu papel dentro das escolas, a partir da visão de quais conteúdos e quais práticas corporais devem estar presentes nos mais variados contextos e realidades existentes no país, além de tentar entender qual o papel que esta deve desempenhar no processo de formação dos indivíduos. Ainda assim, o fenômeno esportivo tem grande papel

dentro desse processo e é reconhecido como um importante tema a ser desenvolvido.

Portanto, o esporte sempre foi utilizado no ambiente escolar de forma muito marcante, onde cabia à escola o papel de detecção de talentos e de formação esportiva dos indivíduos, papel que deveria ser designado aos clubes desportivos e escolinhas de esportes.

Também nos ambientes escolares, como sabemos, o esporte tem uma destacada presença. Tanto como conteúdo central da Educação Física Escolar, quanto como prática extracurricular, os esportes são motivo de canalização de importantes recursos financeiros, materiais e simbólicos nas escolas brasileiras. O discurso oficioso diz que esporte é um fator fundamental para a educação das crianças e jovens, atribuindo-se a ele frequentemente papéis admiráveis, como livrar as pessoas do consumo de drogas (BASSANI, TORRI E VAZ, 2003, p. 90).

Se as discussões apresentadas até esse momento confirmam, a partir de uma perspectiva histórica, a entrada e consolidação do esporte no âmbito escolar. Por outro lado, cabe a colocação de algumas questões acerca de seu papel dentro desse espaço: Será que é de fato no ambiente escolar que o esporte deve buscar detectar os jovens com destaque para vir a ser um esportista profissional? Teria o esporte potencial para remediar problemas e mazelas da dura realidade social brasileira?

Questões como as que são levantadas acima nos levam a refletir sobre qual seria o papel do esporte dentro do ambiente escolar, reflexão articulada ao pensar sobre a própria função social da escola. Em outras palavras, qual é o conteúdo e a abordagem dedicada ao esporte dentro da escola? E como eles se inserem dentro de seu planejamento? Esses são elementos que passamos a problematizar no próximo tópico.

### **3.1.2 – O papel do esporte e da EF na escola**

A natureza da educação deve ser compreendida pelo entendimento da natureza humana, porque a educação é um fenômeno próprio do ser humano. Por conta disso, a natureza humana é definida pelo trabalho, pois ele é o elemento que diferencia o ser humano do animal e dos outros seres vivos. Tal trabalho é caracterizado por uma atividade intencional (momento em que o agente antecipa

mentalmente a finalidade da ação) para transformar a natureza e garantir a produção da sua própria existência. Portanto, a educação é um processo de trabalho não material, em que o produto não se separa da produção. (Saviani, 2013).

É interessante observar que a educação não se reduz somente ao ensino, ela é mais ampla que ele, porque ela se dá inclusive em outros espaços, além da escola. Mas o ensino faz parte da própria natureza da educação, e ela está relacionada com o processo de construção histórica do conhecimento e assim traduz a natureza humana relacionada ao trabalho, à ação intencional de produção de ideias, valores, conceitos e história, sendo uma produção e construção do próprio homem.

[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (SAVIANI, D. 2003, p.13)

A especificidade da educação centra-se em produzir uma formação da humanidade em cada indivíduo, por meio da identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados (conhecimentos, ideias, conceitos, valores, atitudes, hábitos, símbolos) e também às formas mais adequadas de garantir esse objetivo (desenvolvimento e organização do trabalho pedagógico).

O papel da escola “consiste na socialização de saber sistematizado” (SAVIANI, 2003, p.14), ou seja, a existência da escola está direcionada para socializar conhecimento científico, e não conhecimento ligado ao senso comum.

Assim, o ambiente escolar deve ser entendido como aquele espaço de disseminação do saber sistematizado, do trabalho de produção do conhecimento por parte dos professores e de consumo desse conhecimento por parte dos alunos. Estes estão constantemente passando por processos de aprendizagens e que ao tomar consciência sobre determinados conteúdos, conseguem de certa forma assimilar e automatizar o seu entendimento e aplicação, para ter liberdade e autonomia com tais conteúdos e poder desenvolver criatividade durante esse processo, para posteriormente voltar-se para a etapa de novas aprendizagens. Então, escola deve ser espaço para a formação integral do aluno, levando em conta

sua bagagem cultural, experiências e práticas características da sociedade em que a comunidade escolar de determinado local se faz presente.

As atividades nucleares desenvolvidas pela escola são entendidas como currículo (SAVIANI, 2003), e se caracterizam pelas atividades essenciais distribuídas no tempo e espaço para socialização de conhecimento elaborado com as condições adequadas de socialização e assimilação. Assim, tem o sentido de dosar e sequenciar para se construir um habitus, segunda natureza, isto é, uma disposição permanente daquilo que foi apreendido. Portanto, tem função principal dentro do ambiente escolar, por serem atividades essenciais ao processo de transmissão e assimilação do conhecimento.

De forma secundária, existem atividades que podem fazer parte do planejamento escolar, mas que não fazem parte do currículo e que assim não podem ter papel principal dentro desse processo. São as chamadas atividades extracurriculares e que se diferenciam por estarem subordinadas às atividades nucleares, e que só tem sentido se estiverem alinhadas e não atrapalharem o desenvolvimento do currículo escolar. Assim sendo, “das considerações feitas, resulta importante manter a diferenciação entre atividades curriculares e extracurriculares, já que esta é uma maneira de não perdermos de vista a distinção entre o que é principal e o que é secundário”. (Saviani, 2003, p. 15)

Os currículos escolares devem estar alinhados com as características da comunidade escolar local, através de tempo e espaços específicos, com os conteúdos e áreas de ensino sendo divididas em etapas equivalentes com o desenvolvimento dos indivíduos. Assim, são caracterizados pela organização do conhecimento escolar.

A articulação do currículo com o projeto político-pedagógico (PPP) da escola é de suma importância, sendo que este se caracteriza por ser um projeto que tem uma intenção, uma ideia, uma estratégia de ensino e que se relaciona com a direção a ser tomada e com a reflexão sobre a ação tomada pelos indivíduos. Por isso, todos os educadores devem ter conhecimento sobre a definição do PPP, a fim de conseguirem estabelecer concretamente sua relação com os alunos, com os conteúdos a serem selecionados e com as abordagens necessárias para essa seleção, entendendo os valores e a lógica que desenvolve nos alunos. (Coletivo de Autores, 1992)

Os princípios estabelecidos nesse projeto servirão de base para a prática pedagógica do professor, portanto deve ser construído pelos agentes presentes nesse espaço como uma forma de propiciar qualidade e autonomia para aquele ambiente. Significa que tais indivíduos devem estar atentos com as transformações e características apresentadas pela comunidade escolar, a fim de estar constantemente organizando a sua estratégia de ensino, oportunizando aos alunos um processo de formação capaz de fazê-los entender a realidade a sua volta, de serem críticos e terem autonomia.

Nessa perspectiva, o projeto político-pedagógico vai além de um simples agrupamento de planos de ensino e de atividades diversas. O projeto não é algo que é construído e em seguida arquivado ou encaminhado às autoridades educacionais como prova do cumprimento de tarefas burocráticas. Ele é construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola. (Veiga, I. 1998. p.1)

Dessa forma, o PPP tem papel fundamental para direcionar o planejamento e orientar a prática pedagógica, bem como os projetos existentes no ambiente escolar. Assume então, as marcas e características específicas de determinada escola e que refletem no posicionamento e comportamento da comunidade escolar local.

Tratando da Educação Física, esta faz parte de um componente curricular da escola que trata pedagogicamente do conhecimento de uma área denominada cultura corporal. Essa cultura corporal está relacionada com as práticas corporais presentes e manifestadas pela sociedade. Práticas essas que são divididas em lutas, jogos, danças, acrobacias, mímicas e os esportes, que são conteúdos que constituem o ensino da Educação Física. (Coletivo de Autores, 1992).

A abordagem de conteúdos diversificados dentro da Educação Física escolar é de suma importância e essencial para os indivíduos. Segundo o Coletivo de Autores (1992), é fundamental que a prática pedagógica seja pautada através da diversificação dos conteúdos e da assimilação por partes dos alunos e do professor de forma consciente, de modo que ambos desenvolvam autonomia.

A EF então, assim como a educação de uma forma geral, deve propiciar aos indivíduos a participação na construção do conhecimento e que estes sejam capazes de refletir sobre determinada prática, seus significados, origem e características determinantes. Freire (2002) aborda a questão de se entender o corpo em sua totalidade e proporcionar uma relação de ensino-aprendizagem

adequada, sendo que é importante trabalhar os movimentos dentro dos jogos, mas não de forma isolada. Assim, os indivíduos são estimulados a desenvolver autonomia para tornarem-se sujeitos capazes de interagir e relacionar-se com o outro e com o mundo, através de tomada de decisões e organização interna dentro das atividades.

Essa visão compreende uma transformação da educação física, que se deu a partir da década de 1980, como consequência dos movimentos de redemocratização da sociedade brasileira e uma repedagogização da área, proposta pelo chamado movimento renovador. Foi um período em que se começou a dar mais atenção para as ciências humanas e sociais, para contrapor o trato que a área biológica dava para o estudo do corpo e da própria EF no currículo.

Nessa fase, esse movimento progressista começou a mudar o caráter pedagógico da disciplina e deu tendência ao surgimento ao longo dos anos de novas concepções pedagógicas, com instrumentos e objetivos diferentes, como por exemplo a psicomotricidade e as abordagens desenvolvimentista, crítico-superadora, crítico-emancipatória e construtivista-interacionista. Essas concepções e essa nova visão, criadas a partir das discussões emergentes na área e do pensamento de importantes autores, deram suporte para muitos professores de EF basearem a sua prática pedagógica e foi importante para a formação dos professores nas instituições universitárias do país, bem como o corpo docente de tais instituições.

Buscou-se romper com o método tradicional e com o modelo reprodutor que as escolas tinham. A função social da escola foi discutida e viu-se a necessidade de uma nova configuração do modelo educacional, algo que a EF buscou também juntamente nesse processo. Nesse contexto, surgiu a compreensão e necessidade de uma educação física escolar que desse espaço não só para a dimensão motora, para a aptidão física e rendimento esportivo, mas também para o desenvolvimento e um olhar mais atento para as dimensões afetiva, social e cognitiva dos indivíduos.

De acordo com Bracht (2000), o esporte deve ser apresentado como conteúdo da educação física escolar se estiver de acordo com o projeto pedagógico da escola, ou seja, apresentado de forma coerente e integrada com os objetivos e parâmetros seguidos pela escola, a fim de alinhar e compreender o significado que é dado em cada ambiente escolar para a prática do esporte, e não ser feita de forma

isolada e sem relação com o projeto político-pedagógico escolar, seguindo a realidade existente naquele local.

A presença do esporte como conteúdo da Educação Física escolar não deve ser negada, visto que este tem sua grande importância e é um elemento da cultura humana, mas é necessário a consciência de como esse conteúdo deve ser trabalhado e desenvolvido. A visão de uma abordagem pedagógica que permita aos alunos vivências diferentes e a reflexão sobre questões que circundam as características e a prática de determinado esporte no Brasil e no mundo, são essenciais. Assim vale ressaltar que o resultado, o desempenho em si em determinadas práticas esportivas, não deveria servir como foco no método de avaliação dos professores.

Durante as aulas, é necessário o entendimento que muitas questões estão envolvidas, além da simples prática do jogo ou do esporte. Contexto histórico, político e social, possibilidades de modificação das regras e reflexão sobre a cultura corporal presente nas mais variadas formas de se expressar e executar movimentos durante as atividades, são exemplos de aspectos importantes a serem observados e desenvolvidos na prática pedagógica.

Nesse sentido, a técnica dos movimentos deve ser ensinada, mas não como um objetivo final a ponto de ver seu refinamento ou sua perfeição durante a execução por parte dos alunos, mas sim na perspectiva de ser um meio para se desenvolver as atividades, levando em consideração que cada indivíduo tem um entendimento e atribui um significado para a prática. “Sugere-se que o professor desenvolva abordagens diferenciadas para os jogos e modalidades esportivas a partir não do gesto técnico e sim do significado que os fundamentos desses jogos e modalidades possuem”. (Coletivo de Autores, 1992, p. 61).

É preciso entender que as instituições escolares têm seus próprios universos de simbologia, de significado e que o tratamento do esporte dentro desse contexto deve estar alinhado e ser disseminado de forma que os indivíduos compreendam o fenômeno esportivo de acordo com as marcas e características do local, indo além do aprendizado das técnicas esportivas.

O Coletivo de Autores (1992) aborda que o esporte deve ser compreendido como um fenômeno que historicamente representa as características da sociedade, e revela a desigualdade social existente a partir da institucionalização das práticas e dos temas lúdicos da cultura corporal, além da subordinação aos moldes do sistema



capitalista, que preza pela busca do rendimento e da competição excessiva. A reflexão que o esporte vai além disso se faz necessária a fim de entender qual seu papel dentro da escola, de forma que possibilite aos indivíduos uma visão ampla sobre o conteúdo e que dessa forma o justifique dentro do currículo escolar.

Dessa forma, ao analisar o esporte dentro dessa perspectiva, consegue-se dar um significado específico dentro do ambiente escolar, de forma que o esporte seja desenvolvido de acordo com as atribuições de cada local, fazendo com que tal conteúdo seja da escola e não o esporte institucionalizado sendo disseminado dentro de tal ambiente. Portanto o trato pedagógico do esporte é muito importante, pois sabe-se também o grande potencial que o esporte tem como conteúdo dentro da escola.

### **3.1.3 – Relação entre esporte escolar e esporte de alto rendimento**

Apesar da mudança de visão sobre o papel do esporte na escola que pontuamos no tópico anterior e do surgimento de muitas abordagens e concepções educacionais, é perceptível que ainda pode ser observado no ambiente escolar a presença da perspectiva orientada pela busca por talentos e a abordagem do esporte nos moldes do esporte institucionalizado. Essa abordagem preza pelo rendimento, pela competição excessiva, que gera deslumbramentos quanto à carreira profissional, aquisição financeira, entre outros fatores, que não são condizentes muitas vezes com a realidade escolar e que geram muitas frustrações.

O entendimento que o ambiente escolar não é adequado para essa abordagem se faz necessário, através da percepção das consequências causadas pela exclusão, repressão e constrangimento aos alunos que participam das aulas dentro desse modelo. Alunos que tem menos habilidades motoras ou que as não desenvolveram muito bem ainda para a prática de determinado esporte, não se sentem incluídos e assim desmotivam-se e evitam a participação nesse tipo de aula. Ademais, é importante a percepção da necessidade de outras questões fundamentais para o desenvolvimento desses alunos e para uma educação física que seja motivadora para os indivíduos.

Basta lembrar que ainda nos dias atuais, é disseminada a ideia pela instituição esportiva de delegar à escola, através da disciplina EF, a tarefa de promover a base para o esporte de rendimento e a responsabilidade com

a descoberta de talentos esportivos (AZEVEDO, 2009, apud MALINA e CESARIO, 2009, p.77).

Essa questão pode ser observada também quando se olha para as políticas públicas educacionais que tem relação com o esporte, que em seus documentos oficiais e diretrizes, delegam à escola o papel de detecção de talentos a partir das aulas e dos projetos institucionais, conforme destaca trecho abaixo.

O Brasil irá sediar, em 2014, a Copa do Mundo de Futebol e, em 2016, as Olimpíadas e Paraolimpíadas. Tendo em vista este cenário esportivo ímpar na história brasileira, lançou-se em 2013 o Programa ATLETA NA ESCOLA que tem como objetivo incentivar a prática esportiva nas escolas, democratizar o acesso ao esporte, desenvolver e difundir valores olímpicos e paraolímpicos entre estudantes da educação básica, estimular a formação do atleta escolar e **identificar e orientar jovens talentos**. (Disponível em: <http://atletanaescola.mec.gov.br/programa.html>. Acesso em: 14 set. 2018 – grifo nosso).

Embora o trecho em destaque mencione a democratização do acesso ao esporte, ele a condiciona à transmissão de valores olímpicos, ou seja, remete-se a um complexo valorativo de uma entidade reconhecidamente vinculada ao esporte institucionalizado e de alta performance. Ao mesmo tempo, submete esse processo a busca pelos jovens mais talentosos, o que torna essa democratização bastante restritiva. Ademais, vale mencionar, que o programa Atleta na Escola, que atualmente recebe pouca atenção do Ministério do Esporte, é citado como um dos elementos de base de programa voltado para o desenvolvimento do esporte de rendimento baseado no modelo piramidal, a Rede Nacional de Treinamento, conforme imagem abaixo.

**Figura 1 – Organização da Rede Nacional de Treinamento.**



**Fonte:** Ministério do Esporte.

Nesse sentido, torna-se perceptível que o objetivo dessas políticas não é democratizar o acesso ao esporte oportunizando vivências diferentes e inclusão por meio do esporte, mas sim a valorização do rendimento e de alunos que se destaquem no desenvolvimento das habilidades motoras na prática de determinado esporte e que surjam como potenciais atletas dentro da instituição escolar.

Por certas vezes, há a descrição que essas políticas visam a inserção de crianças e jovens por meio do esporte, de forma a garantir uma formação adequada e contribuir para a fomentação do esporte nas instituições de ensino. Nascimento (2016) aborda essa questão trazendo a fala de uns dos coordenadores do programa “Jogos Escolares”, além das contradições dentro dos objetivos propostos, que pode ser observado a seguir:

Os Jogos Escolares da Juventude visam contribuir para a inserção social dos jovens através do esporte e estamos muito satisfeitos com os resultados que estamos alcançando. A cada edição avançamos no número de participantes e estabelecemos novos padrões na organização. Nosso grande desejo é ver dentro do ambiente escolar a formação de base que já está revelando representantes em nível internacional, disse Edgar Hubner, Gerente Geral de Juventude e Infraestrutura do Comitê Olímpico do Brasil e Diretor Geral dos Jogos Escolares da Juventude (Nascimento, 2016, p.99).

Ainda seguindo essa linha de pensamento, pode-se perceber que o discurso de formação dos atletas na escola ainda está presente dentro dessas políticas, pois quando se refere que a base para a formação esportiva dos indivíduos está na

escola, fica claro essa delegação de função e a busca por talentos dentro desse âmbito. Tais políticas são importantes e devem existir, o que se discute é o papel atribuído a elas e quais devem ser os objetivos principais e norteadores, partindo do princípio que o espaço da educação física escolar e sua função perante o processo de formação adequado dos indivíduos deve ser respeitado.

Mendes e Azevêdo (2010) discutem qual o papel que as políticas de esporte e lazer estão tendo em comparação com a educação física escolar e as políticas educacionais. A EF se prejudica pois não se tem o interesse em fazê-la evoluir, mas sim se o esporte está se desenvolvendo dentro desse ambiente e servindo aos interesses das políticas de esporte e das entidades esportivas. Isso pode ser explicado pela legitimidade no discurso em que se encontra para delegar à escola essa função por motivos políticos e mercadológicos.

De acordo com Bracht e Almeida (2003), as políticas educacionais de esporte existentes no Brasil visam atender aos interesses do sistema esportivo, voltadas à lógica do rendimento e da busca por talentos. Essa concepção é representada por um modelo piramidal, onde a escola se torna a base para sustentação do sistema esportivo que levará uma pequena parcela desses alunos a se tornarem atletas e se instituírem dentro dessa lógica esportiva. Esse discurso serve às instituições esportivas como instrumento de legitimação e captura de apoio financeiro e institucional dos setores do governo.

É importante destacar também, que quando se realizam grandes competições esportivas, de cunho internacional, como os Jogos Olímpicos, tem-se o discurso de que as escolas devem ser os principais centros de descobertas de talentos e atletas, sendo espaços de formação dos mesmos. Bracht e Almeida (2003, p.92) explicitam que “após o “fracasso brasileiro” nas Olimpíadas de Sydney, em meados do ano 2000, irromperam, em diversas instâncias da sociedade brasileira, numerosos questionamentos acerca dos motivos responsáveis por tão fraca participação.” Após esse momento, entendeu-se e apontou-se como um dos principais motivos para tal fracasso, e muito por parte do apelo da população por melhores resultados – estimulada pelo discurso dos meios de comunicação – a falta de políticas de esporte e de uma educação física escolar que servisse de base para essa formação, cabendo ao ambiente escolar esse processo e esse serviço para o país. Essa visão torna-se um equívoco pois o ambiente escolar não deve ser espaço para tal objetivo, como já discutido anteriormente.

Apesar disso, não se exclui o fato da possibilidade de encontrar na escola algum aluno que tenha talento e que possa vir a ser um atleta profissional, mas este deve ser indicado a algum clube esportivo e orientado quanto à sua formação. Portanto a instituição escolar pode oportunizar a descoberta de algum talento esportivo, mas não deve de forma alguma servir de espaço obrigatório para a descoberta e desenvolvimento dos mesmos.

Portanto, o esporte escolar só faz sentido se for pedagogizado, ou seja, submetido aos códigos da escola. Em termos mais concretos, isso significa que não basta, para a realização da função da escola, que o esporte seja aprendido e praticado nos seus espaços, é preciso também que o esporte escolar instrumentalize o indivíduo a compreender o fenômeno esportivo (BRACHT, V; ALMEIDA, F. 2003, p.98).

A partir dessa discussão e levando-se em consideração a política pública a ser analisada dentro do presente trabalho, passa-se para a análise dos Jogos Escolares da Juventude e dos Jogos Escolares do DF, tendo em vista as relações e características dessa relação entre esporte e escola e todos os desdobramentos apresentados, comparados com a prática de um evento que caracteriza tal relação na prática.

### **3.2 – Jogos Escolares da Juventude**

A principal política pública de governo no âmbito nacional, que explicita bem essa relação entre esporte e escola e todas as suas características descritas nos tópicos anteriores, são os Jogos Escolares. Tal política nasceu no final da década de 60 e desde então vem passando por transformações, tanto de nomenclatura, quanto aos objetivos principais de acordo com a época, bem como pelos anseios da sociedade e do estado. Assim, desde seu surgimento, buscou apoiar e reforçar o esporte escolar e legitimar os investimentos feitos na área, que historicamente serviram para dar suporte ao discurso de detecção de talentos e servir de base para a elite desportiva, tendo o governo a visão de potenciais atletas olímpicos em tal competição. “É possível perceber que existe uma preocupação em orientar a escolha das modalidades para aquelas que são olímpicas, demonstrando claramente a intenção de preparar os futuros atletas a representarem o país na Olimpíada.” (Arantes, Martins e Sarmiento, 2012, p. 921)

Surgiu em 1969 com o nome de Jogos Escolares Brasileiros (Jeb's) e pode ser dividido em 4 fases. A primeira vai de 1969 até 1984 e tinha o objetivo de possibilitar a descoberta de possíveis talentos e fazer uma integração esportiva entre alunos de várias escolas e regiões do país, em uma espécie de intercâmbio esportivo. Nesse período os Jogos eram organizados e financiados por entidades ligadas ao Ministério da Educação (MEC). “Até essa época eram realizadas, em alguns estados, competições intercolégiais e algumas outras atividades isoladas, não havendo integração interestadual através do esporte entre a juventude secundarista brasileira.” (Borges e Buonicore, 2007, p. 28)

A segunda vai de 1985 até 1989 e teve uma mudança quanto ao papel que devia desempenhar, ampliando e destacando a democratização do esporte, oportunizando a participação de todos e o papel formativo do esporte, excluindo essa visão de que a escola deve ser espaço para a busca por rendimento e seleção de atletas, sendo que se destaca o papel educacional dos Jogos. Essa fase se caracteriza ainda pela organização e pelo financiamento ligados ao Ministério da Educação.

A terceira vai de 1990 até 2004 e volta a retomar a busca por talentos esportivos, mas com discurso de ampla participação por parte dos alunos dentro das disputas estaduais e municipais. Isso se dá pelo fato das constantes trocas de nomenclatura dessa fase que tinham objetivos e finalidades diferentes, ora para a descoberta de talentos, ora para o desenvolvimento integral do aluno. Nesse período algumas secretarias ligadas à educação e ao esporte, o Ministério do Esporte e Turismo (MET), além do Ministério do Esporte (ME) ficaram com a responsabilidade de organizar e financiar os Jogos. É nessa fase que o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) começa a participar da organização dos Jogos, tendo seu primeiro contato em 1996. Desde então, a representatividade a nível nacional dessa competição era feita pelos estados, mas a partir dessa fase, no ano de 2000, teve-se a mudança para a representatividade por parte das escolas, o que configura maior participação e mobilização dessas instituições, sendo que é o nome da escola que será representado nos Jogos.

A quarta fase vai de 2004 até 2010 com o objetivo de direcionar a busca por talentos ainda, mas também com o discurso de oportunizar ampla participação e promover uma vertente educacional de princípios e valores como estratégia de execução dos Jogos. O Ministério do Esporte é o principal órgão de realização dos

Jogos e tem o COB como principal organizador, sendo que é criada nesse período uma lei que dá suporte para o financiamento do evento. “A Lei Agnelo Piva – Lei 10.264/01 - foi a principal fonte de financiamento dos jogos durante o período de 2005 a 2010. São destinados 10% de recursos desta Lei diretamente ao COB para aplicação preferencial na execução dos jogos escolares.” (Arantes, Martins e Sarmiento, 2012, p. 920)

Com relação a mudança de nomenclatura ao longo dos anos, Arantes, Martins e Sarmiento (2012) trazem essa questão relacionando tais mudanças com os objetivos que os Jogos tinham de acordo com o momento de realização dos mesmos. Jogos Estudantis Brasileiros (Jeb's), Jogos Escolares Brasileiros, Campeonatos Escolares Brasileiros, Olimpíada Colegial da Esperança, Jogos da Juventude, Olimpíada Escolar, são exemplos dos vários nomes que marcaram presença na construção histórica dos Jogos. Atualmente, Jogos Escolares da Juventude é a nomenclatura oficial.

Para tratar do contexto histórico de surgimento e desenvolvimento dos Jogos ao longo dos anos, Arantes, Martins e Sarmiento (2012, p. 921) fizeram uma divisão em quatro fases, destacadas anteriormente, e comentam:

A primeira fase dos jogos coincide com a ditadura militar no país e chama a atenção o trecho do Regimento Interno dos Jogos Estudantis Brasileiros (Jeb's) em que se pretende —estabelecer uma reunião segura entre a classe estudantil e o poder público. É a utilização da competição escolar como instrumento político de aproximação do estado ditador a juventude esportiva. A segunda fase faz um contraponto direto a primeira e apresenta uma visão Educacional dos Jogos, onde conceitos de participação, da cooperação, coeducação, integração e corresponsabilidade são ressaltados. Este período coincide com a Nova República, que sinaliza o final da ditadura militar nos países. Escolheu-se então, algo que pudesse sinalizar uma ruptura e o objeto escolhido foi a quebra da lógica da descoberta de talentos na escola e da identificação do esporte escolar com o esporte de rendimento. Porém a terceira fase retoma busca pelos talentos. A quarta fase mantém o foco na descoberta de talentos e assimila também a importância do desenvolvimento integral do atleta escolar, fazendo uma fusão das diferentes possibilidades do esporte no contexto da escola. (Arantes, Martins e Sarmiento, 2012, p. 921)

Com relação às modalidades praticadas ao longo do tempo, algumas como basquete, handebol, atletismo, vôlei, GRD, ginástica olímpica, natação, judô e xadrez sempre estiveram presentes. A modalidade futsal entra nos Jogos na terceira fase do evento, que vai de 1990 até 2004, e desde então vem sendo praticada e disseminada dentro das escolas e dentro das competições escolares regionais e nacionais.

A partir de 2000 os Jogos passam a ser divididos em 2 etapas, a nível nacional, sendo que uma corresponde a faixa etária entre 12 e 14 anos e a outra entre 15 e 17 anos. Dessa forma passa a reconhecer a divisão das etapas de ensino da escola, caracterizada pelo ensino fundamental e ensino médio, e assim tem maior ligação com os interesses da escola e tenta desvincular-se do esporte federado.

Consequentemente, sua organização segue o arranjo da escola e, não mais, às necessidades de cada federação, como em outrora. Fato que pode ser tomado como um avanço, especialmente, por romper [nesse aspecto] com arbítrio que subordinava o esporte escolar às demandas do esporte federado. (REIS, 2015, p.169)

Atualmente, os Jogos Escolares da Juventude acontecem em 2 etapas nacionais, como já descrito anteriormente e tem seu financiamento garantido por lei. A Lei Agnelo Piva (Lei nº. 10.264/2001) na prática acontece da seguinte forma, como Reis (2015) aborda: 2% da arrecadação bruta das loterias federais devem ser destinadas ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), sendo que 85% desta porcentagem vai para o COB e 15% para o CPB. Deste 85% que vai para o COB, 10% é destinado para o investimento em esporte escolar, o que vem sendo explicitado pelo financiamento preferencialmente nos Jogos Escolares.

O COB tem a função de organizar juntamente com o apoio do Ministério do Esporte e do Grupo Globo, com o objetivo, entre outros aspectos, de fomentar a prática esportiva nas escolas em todas regiões do país, promover desenvolvimento integral dos alunos, além de possibilitar a descoberta de novos talentos esportivos, segundo descrito nos artigos 3 e 4 do regulamento oficial dos Jogos Escolares da Juventude (JEJ) de 2018.

Art 3. Os Jogos Escolares da Juventude 2018 têm por objetivos:

- a) Fomentar a prática do esporte nas instituições de ensino;
- b) Possibilitar a identificação de talentos desportivos nas instituições de ensino;
- c) Desenvolver o intercâmbio sociocultural e desportivo entre os participantes;
- d) Contribuir para com o desenvolvimento integral do aluno-atleta como ser social, autônomo, democrático e participante, estimulando o pleno exercício da cidadania através do esporte; e) Garantir o conhecimento do esporte de modo a oferecer mais oportunidade de acesso à prática do esporte escolar aos alunos-atletas.

Art 4. Os Jogos Escolares da Juventude 2018 são uma realização do Comitê Olímpico do Brasil (doravante denominado COB) em parceria com o



Ministério do Esporte (doravante denominado ME) e o Grupo Globo (doravante denominada GG) sendo realizada somente nas etapas regionais e etapa nacional, tendo como apoiadores as cidades e/ou unidades da federação sedes do presente ano. (Regulamento Geral, JEJ, 2018)

Ainda seguindo o regulamento do JEJ de 2018, destaca-se que os Jogos tem como finalidade e justificativa a disseminação das práticas esportivas por todo país, a fim de oportunizar aos jovens o acesso ao esporte, tanto no âmbito público como privado, para mobilizar a juventude em torno do esporte, visto que este tem sua grande importância no processo de formação dos mesmos. Cidadania, valores, princípios, solidariedade e fraternidade são alguns aspectos citados para justificar essa importância e a realização dos Jogos.

Porém tem-se a colocação de que os ideais olímpicos devem ser alcançados, como forma de busca por um mundo melhor, de paz e mais fraterno. Tais ideias conseguem ter esse objetivo e são importantes, mas pode-se fazer a reflexão de que também trazem consigo a valorização do movimento olímpico, de busca por resultados e competição excessiva. Assim fica o questionamento sobre qual o principal foco dos Jogos Escolares.

Seriam eles a base da pirâmide esportiva encimada pelo esporte de alto rendimento, isto é, o locus por excelência da descoberta e da formação de novos talentos esportivos? Ou seriam antes de tudo um espaço voltado à materialização de objetivos educacionais e ao estímulo a fatores como participação e solidariedade, bem como à promoção da qualidade de vida e da inclusão social? A tensão entre essas duas alternativas atravessa toda a história dos Jogos e polariza defensores de JUB's e JEB's mais afeitos ao esporte de performance, por um lado, e de Jogos mais relacionados à difusão de princípios socioeducativos, por outro. (BORGES e BUONICORE, 2007, p. 129)

Dessa forma, é necessária uma abordagem diferente para os jogos. Cada ambiente escolar tem a possibilidade de criar e experimentar a construção coletiva de jogos internos, que devem ser coerentes com a comunidade escolar local. Castellani Filho e Castallani (2009) retratam esse processo de criação de jogos, que podem desencadear na formação por parte de professores e aluno, de competições internas que visem a participação ampla de todos, tanto no que diz respeito à participação nos jogos, como na organização de um evento. Tal situação dá a possibilidade para a criação de comissões que estarão empenhadas para realizar tal competição, como um grupo para fazer a tabela e construir o sistema de disputa, um grupo para cuidar da arbitragem e outro para fazer a divulgação, por exemplo. Isso mostra como o esporte dentro da escola não precisa estar subordinado à lógica da

elite desportiva e nem ao processo de seleção dos melhores, mas sim entender a sua importância interna de propiciar acesso adequado a todos os alunos e fazer com que todos possam participar dessa construção interna.

Assim, é muito importante que, no futuro, os Jogos não fiquem restritos às atividades esportivas. JUB's e JEB's não podem ser meros "torneiozões" colegiais. É de fundamental importância a garantia das dimensões educativa, cultural, técnica e política dessas atividades, que devem articular diversos órgãos governamentais com o objetivo de implementar programas integrados referentes a essa temática. Em um país com tantas desigualdades sociais, com tantas crianças, adolescentes e jovens fora da escola e da universidade, a edificação de um novo projeto nacional não pode evadir-se da questão do nexo entre esporte e educação como importante fator de desenvolvimento e bem-estar social. (BORGES e BUONICORE, 2007, p. 133)

Por outro lado, os Jogos Escolares da Juventude também são capazes de promover um intercâmbio cultural e esportivo entre milhares de alunos e professores das mais variadas cidades do país. Cada particularidade, cultura própria, sotaque, característica e conhecimento, promove uma troca de experiência única entre os participantes e faz com que essa interação e socialização também se torne essencial durante a realização desses eventos, que acontecem todos os anos em diferentes cidades e regiões do Brasil. Essa discussão é permanente e se faz fundamental para o entendimento do real papel que os Jogos podem e devem desempenhar, visto que este tem também grande valor, desde que esteja articulado ao enriquecimento das atividades curriculares próprias da escola.

### **3.3 – Jogos Escolares do DF**

Os Jogos Escolares do DF são normatizados por um Regulamento Geral que descreve seus objetivos e também a organização/execução das etapas previstas. São caracterizados por ser uma etapa que dá acesso aos Jogos Escolares da Juventude, para aquelas equipes e atletas que se sagrarem campeãs nas respectivas modalidades coletivas e individuais. É uma competição que acontece todo ano e que é de responsabilidade da Gerência de Educação Física e Desporto Escolar - GEFID/DISP/COET/SUBEB.

Percebe-se que os objetivos dos Jogos Escolares do DF (JEDF) são bem semelhantes e estão de acordo com aqueles observados no JEJ, sendo que vem descritos da seguinte forma, segundo o regulamento geral do JEDF de 2018:

Art. 2º: (Regulamento Geral, JEDF, 2018)

- I. Fomentar a prática do desporto escolar no Distrito Federal;
- II. Oportunizar a integração dos estudantes da rede pública e privada de ensino, dentre elas as conveniadas, possibilitando o intercâmbio sócio desportivo entre os participantes;
- III. Possibilitar a integração entre escola e comunidade;
- IV. Contribuir com o desenvolvimento integral do estudante-atleta como ser social, autônomo, democrático e participante, estimulando o pleno exercício da cidadania por meio do esporte;
- V. Oportunizar e apoiar a participação dos estudantes-atletas em grandes eventos nacionais;
- VI. Garantir o conhecimento do esporte, de modo a oferecer mais oportunidades de acesso à prática desportiva aos estudantes-atletas;
- VII. Oportunizar o surgimento de novos valores no cenário esportivo do Distrito Federal.

A preocupação com o desenvolvimento integral do aluno, a democratização do acesso ao esporte, a integração entre estudantes de escolas públicas e privadas, o fomento do esporte no DF, podem ser observados como os principais objetivos buscados pelo órgão que é responsável pelo evento.

O objetivo dos jogos em possibilitar a integração entre escola e comunidade é interessante pela possibilidade de facilitar a participação e inserção da comunidade na vida escolar. Mas é questionado se os jogos podem proporcionar essa integração. Os jogos acontecem tanto em espaços escolares, como em espaços públicos, como em ginásios da cidade por exemplo, além de possibilitar que durante os jogos, todos os integrantes da escola e comunidade possam ter acesso e acompanhar as disputas dentro da quadra. Essa questão pode ser apontada como um fomento a essa integração, mas que é restringida pela utilização de espaços não escolares.

Além disso, é observado também que a busca ou a possibilidade de busca por talentos para valorização do esporte regional também está presente, o que vai de encontro com os objetivos do JEJ e que caracterizam a presença dos jogos escolares tanto a nível regional/estadual, como nacional também.

Quanto à caracterização das etapas, no DF existem duas etapas classificatórias. Uma é regional e acontece dentro das regiões administrativas, onde o melhor colocado garante a vaga para a segunda etapa, que é a distrital. Ambas

etapas acontecem em períodos diferentes e respeitam a faixa etária da etapa nacional, indo de 12 a 17 anos.

A Gerência de Educação Física e Desporto escolar tem a função de organizar e possibilitar a realização do evento anualmente no DF, e traz em seu regulamento de 2018 as atribuições que devem cumprir:

- Art. 3º: (Regulamento Geral, JEDF, 2018)
- I. Elaborar, planejar, executar e supervisionar os JEDF, considerando o aspecto técnico e operacional.
  - II. Indicar e nomear a Comissão Organizadora e Comissão Disciplinar Especial;
  - III. Elaborar e divulgar o Regulamento Geral dos JEDF, os Regulamentos Técnicos Específicos das modalidades, e ainda, as diretrizes gerais técnicas de execução das mesmas;
  - IV. Incentivar o envolvimento de órgãos competentes do Governo do Distrito Federal, particularmente no que se referem à viabilização das estruturas físicas, recursos financeiros e meios materiais necessários à realização dos Jogos.
  - V. Promover a divulgação dos JEDF nos meios de comunicação;
  - VI. Estimular a participação das Unidades Escolares do Distrito Federal;
  - VII. Deliberar sobre a participação das Unidades de Escolas - UE;
  - VIII. Inspecionar e aprovar os locais e instalações a serem utilizadas durante as competições;
  - IX. Elaborar e publicar a programação esportiva, a apuração dos resultados e os Boletins Oficiais;
  - X. Contratar a equipe de arbitragem;
  - XI. Planejar e executar as cerimônias de abertura, premiação e encerramento dos JEDF;
  - XII. Apresentar e divulgar os relatórios técnicos dos JEDF;
  - XIII. Homologar e publicar em Boletim Oficial resultados dos Jogos Escolares.
  - XIV. Indicar as equipes, técnicos, estudantes-atletas e dirigentes que comporão a representação do Distrito Federal nos Jogos Escolares da Juventude, nas etapas nacionais.

A partir da análise das responsabilidades de organização descritas no regulamento oficial, percebe-se que a nível regional o órgão responsável tem liberdade para criar seus regulamentos e descrever seus objetivos, finalidade e como os jogos acontecerão no Distrito Federal, não sendo observado uma subordinação ao COB e nem ao Ministério do Esporte nesse aspecto. Porém, por serem etapas (regional e distrital) que servem de classificatória para o JEJ, pode-se notar também que este está de acordo com o regulamento da etapa nacional, observado neste artigo:

Art.73º- Em conformidade com Regulamento Geral dos Jogos Escolares da Juventude - Etapas Regional Nacional 12 a 14 anos e 15 a 17anos, emitido pelo COB, os 58º JEDF são classificatórios para as referidas competições/modalidades que compõe a programação esportiva do referido evento. (Regulamento Geral, JEDF, 2018)

A contradição no discurso e nos documentos fica perceptível quando, além dos Jogos servirem como classificatória para futuras etapas e ir selecionando só as melhores equipes ou melhores atletas, tem-se a premiação descrita no regulamento, que mostra que somente os que chegam mais a frente e disputam semifinais e finais são premiados e recebem medalhas e troféus. Como podemos perceber no “Art. 52º- Serão concedidos prêmios (medalhas e troféus) aos participantes classificados em 1º, 2º e 3º lugares, nas Etapas Regional e Distrital.” (Regulamento Geral, JEDF, 2018)

Então fica a reflexão de que tais jogos servem para promover competição e selecionar os melhores, e não promover ampla participação dos alunos com o desenvolvimento integral, para formação de indivíduos críticos e autônomos. Essa função ainda não está bem definida e tem-se essa dificuldade de compreensão.

Assim, fica o entendimento de que a busca é pela disseminação da prática do esporte no DF, para oportunizar a participação dos alunos em competições nacionais, juntamente com a possível valorização do esporte do DF a nível nacional, com a descoberta de valores esportivos locais.

### **3.4 – O futsal dentro dos Jogos Escolares**

O futsal é um esporte que tem três vertentes históricas quanto à sua origem. Fonseca (2007) aborda a origem destacando que a primeira diz respeito ao surgimento do futebol de salão, no Uruguai, na década de 30, quando a população necessitava de espaços para a prática do futebol e não encontravam campos disponíveis, começando a migrar para os ginásios e criando o esporte que antigamente era denominado de tal maneira. Outra vertente é a de que nasceu no Brasil, anos depois, a partir da publicação do livro de regras oficial da modalidade e do começo da disseminação do esporte no país, sendo que este livro foi adaptado pelos brasileiros das regras criadas inicialmente pelos uruguaios, ainda sendo chamado de futebol de salão. A terceira e última vertente é a de que o futsal, conhecido como é hoje, nasceu na Suíça na década de 90, quando a FIFA começou a tomar a frente da organização do esporte e das competições pelo mundo.

A inserção do futsal como modalidade presente nos Jogos Escolares, coincide com a última vertente histórica de surgimento citado anteriormente, ocorrido

nos anos 90, onde a partir dessa década o esporte esteve presente em todas as edições dos Jogos. Isso pode ser explicado pelo fato de que o futsal ainda não é uma modalidade olímpica, muito pelo conflito de interesses entre FIFA e Comitê Olímpico Internacional (COI), que é o órgão responsável pela organização das Olimpíadas. Levando em consideração que a maioria das modalidades dos Jogos Escolares são olímpicas, é interessante observar esse fato e em como o futsal demorou para estar presente nas edições do evento.

A sua inserção pode ser explicada pela disseminação da prática no país, de fato, é uma manifestação cultural que se popularizou. E por guardar muitas semelhanças com o futebol de campo, esporte que tem uma cultura muito forte dentro do Brasil, ele serviria como base para o desenvolvimento do futebol de campo, onde este discurso é veiculado pelo senso comum e pelas grandes mídias que um funciona como base para o outro. Essa aproximação de um com o outro também está presente na escola, pois normalmente são trabalhados juntos, no conteúdo esporte.

Dentro dos Jogos Escolares, o futsal é disponibilizado nas duas etapas (12-14 anos e 17-15 anos) nas modalidades feminino e masculino pela sua totalidade, pelo máximo de equipes permitidos dentro da competição, que totalizam vinte times divididos em quatro grupos de cinco. Na última edição dos Jogos, no ano de 2018, na etapa de 12 a 14 anos do feminino, 16 equipes inscritas eram de escola pública e apenas 4 de escola privada. No masculino, na mesma etapa, eram 15 equipes de escola pública e 5 de escola privada. Para a etapa de 15 a 17 anos, no feminino foram inscritas 14 equipes de escola pública e 6 de escola privada. No masculino, para a mesma etapa, foram inscritas 17 equipes de escola pública e apenas 3 de escola privada.

Esses números mostram uma representatividade muito grande das equipes de futsal de escola pública para a participação nos Jogos, em detrimento de uma pequena parcela de participação das escolas privadas dentro dessa modalidade. Isso pode representar o que a modalidade e os Jogos podem proporcionar para as escolas públicas, no que diz respeito a oportunidade de participar de competições regionais, distritais e nacionais, apesar de ser reconhecido que é feito um processo de seleção para a participação dos alunos nas equipes. Esse dado pode ser aprofundado em outras pesquisas, questionando o baixo número de abrangência de

escolas no DF, quando relacionado com o número total de escolas públicas e de escolas privadas.

## 4º CAPÍTULO – RESULTADO E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados dados das entrevistas coletadas com os gestores e professores, bem como dados documentais (Regulamento do JEDF, Regulamento do JEJ e Projeto Político Pedagógico das Escolas) afim de construir análises, tendo como base o referencial teórico. As entrevistas foram construídas pensando na relação entre esporte e escola, sobre a importância dos Jogos, e em como os mesmos afetam o cotidiano e o planejamento das atividades nos ambientes escolares. Além disso foi vista a importância que tal política tem para os alunos, a partir do envolvimento que estes têm com as atividades pedagógicas e extracurriculares, e a comunidade escolar.

Assim, serão apresentados discursos que os indivíduos entrevistados têm sobre os temas citados e dados documentais, com o objetivo de identificar e analisar a participação da escola pública e da escola privada, nos Jogos Escolares do DF, fazendo uma comparação entre ambas, observando se há semelhanças ou diferenças nos discursos ao longo do presente capítulo.

Para identificação dos entrevistados, será feita uma divisão da seguinte forma: o indivíduo 1 será utilizado para identificar o professor/técnico de futsal da escola pública; indivíduo 2 será utilizado para identificar a coordenadora pedagógica da escola pública; e indivíduo 3 será utilizado para identificar o orientador educacional e membro da comissão técnica da equipe de futsal da escola privada.

Primeiramente, buscou-se analisar qual o papel que o esporte tem dentro da escola e como isso se desenvolve nos dois ambientes, bem como suas relações com a escola. Serão apresentadas as falas dos 3 entrevistados para posterior análise.

Indivíduo 1: “Olha é fundamental né, por que resgata a maioria desses garotos, faz parte do processo pedagógico faz parte da formação geral, é.... aprende a sociabilizar, aprende a dividir, aprende a respeitar regras, normas e na minha opinião é uma das melhores ferramentas que nós temos hoje na educação.”

Indivíduo 2: “É, na nossa escola o esporte tem um papel extremamente importante né, a gente busca através do esporte resgatar os meninos né da indisciplina, com projetos e eles participam muito bem, então assim o esporte é utilizado de uma forma a interagir, socializar os nossos alunos.”

Indivíduo 3: “O esporte tem um papel importantíssimo na nossa escola porque o esporte, como é uma Escola Franciscana, concomitante com a educação inclusiva, que a nossa escola trabalha com os alunos especiais, o esporte também é relevante para esse mosaico social, porque como é uma escola na Asa Sul, tem muitos meninos de classe alta, então vem filho do



senador, filho de político, filho de altos empresários, e com o esporte vem o filho da faxineira, o filho do porteiro, isso é muito importante nesse mosaico social determinante.”

A partir dos discursos, percebe-se que o esporte tem grande importância para as duas escolas, sendo que a visão compreendida é das possibilidades que o esporte pode criar, a partir da interação e socialização entre os indivíduos, além da capacidade de colocar num mesmo ambiente e grupo, estudantes de diferentes classes sociais. Já a partir dessa análise, pode-se notar que no ambiente público e privado, destaca o papel formativo/educacional que o esporte tem para essas pessoas.

Em específico, na fala do indivíduo 2 o esporte serve para resgatar os meninos da indisciplina, mostra que é delegado ao esporte tal função, sendo que este não é capaz de resolver tal problema de forma isolada, ou seja, ele não é a solução desse problema. Mas esse tipo de visão demonstra a influência do papel da Educação Física na sua origem no Brasil, onde a missão dessa na escola era disciplinar, moralizar, adestrar, fortalecer os corpos. Para que o esporte contribua de fato com os problemas dos alunos na escola é necessário que ele seja articulado e comprometido com a efetivação de um projeto de formação integral do aluno, ou seja, que realmente seja concreto.

Na fala do indivíduo 3 sobre o papel que o esporte desenvolve naquele ambiente, mostra como a sociedade está dividida pelos indivíduos nos diferentes níveis sociais, ou seja, esse conflito ou essa condição já é marca da sociedade e se torna um problema de desigualdade visível. Neste espaço, o esporte serve como um local em que tais indivíduos conseguem compartilhar o mesmo ambiente, o mesmo ciclo social, o mesmo acesso ao ensino e à prática esportiva, pelo menos em tal ambiente, e que isso se torna fundamental dentro do processo de formação dos mesmos, onde aprendem a entender como esse mosaico social, citado pelo indivíduo, acontece dentro da escola.

Fazendo a comparação agora entre a relação do esporte com os PPP's de cada escola, visando identificar se nos projetos escolares tem essa relação bem definida, os discursos se deram da seguinte maneira:

Indivíduo 1: “Na verdade eu sou lotado no CID, no Centro de Iniciação Desportiva, eu sou lotado no Caic, lá faz parte do projeto político pedagógico. Esses garotos que jogaram este ano foram todos os alunos do Caic há muitos anos atrás, quinta série, e eles faziam parte do projeto

político pedagógico de lá, lá tem um trabalho direcionado para o voleibol e para o futsal.”

Indivíduo 2: “Sim, faz parte. Nós temos no nosso PPP a proposta dos jogos interclasse né, e de projetos de esporte também, de lutas e esportes coletivos, principalmente futsal, vôlei e basquete.”

Indivíduo 3: “Sim, com certeza. Existe todo um abraçar por conta dos administradores, que são os coordenadores, gestores, diretores, orientadores, pra ter essa acolhida do esporte... o esporte traz regra, traz disciplina. A instituição tem muito orgulho do esporte, então os alunos-atletas tem um atendimento todo individualizado, preparado para eles.”

No caso do indivíduo 1, ele é professor do Centro de Iniciação Desportiva (CID) e não acompanha as aulas dentro da instituição, apenas tem o contato com os alunos-atletas durante os momentos do treinamento. Mas de qualquer forma, tanto dentro do CID como nessa escola pública, de acordo com a fala da coordenadora, o esporte faz parte do PPP e tem sua articulação com as atividades da comunidade escolar. O que pode ser observado na escola privada também, onde tem todo um apoio por parte da equipe de gestão e coordenação para atendimento dos alunos, além de existir um projeto diferenciado de esporte na escola, que já dura há muitos anos e faz com que vários meninos e meninas tenham a possibilidade de participar de competições regionais, nacionais e internacionais. No PPP da escola pública, tem definido no currículo quais os conteúdos tem que ser desenvolvidos nas etapas de ensino, e o esporte aparece tanto nos anos finais do ensino fundamental como no ensino médio, mostrando que o esporte está inserido nas atividades curriculares (nucleares) das aulas de educação física, sendo apenas descrito qual conteúdo deve ser desenvolvido nas diferentes etapas. Mas não aparece definido no PPP se há algum projeto extracurricular para o esporte, como é o caso dos jogos interclasse citado pela gestora, mas que não vem escrito no projeto político-pedagógico.

A partir disso, buscou-se entender qual a importância que os Jogos Escolares têm para as duas instituições a ponto de entender o nível de envolvimento e preparação das escolas para participação no evento. Assim, perguntou-se qual a importância dos Jogos de uma forma geral e o porquê da participação de ambas.

Indivíduo 1: “Olha, os jogos escolares ele... ele acontece de três... em três segmentos, primeiro na cidade, depois em Brasília e depois no Brasil, é uma seletiva onde vão selecionando os melhores atletas do país né, e primeiro acontece o JESAM, que são os jogos escolares de Samambaia, aí passa o primeiro de cada unidade administrativa para segunda etapa que é o JEDF, aí o JEDF, quem ganha o JEDF representa o Distrito Federal no Campeonato Brasileiro, é uma seletiva muito importante expõe o que tem de melhor na modalidade, nas modalidades na verdade né que são todas no Distrito Federal.”

“Olha, é um projeto antigo como eu falei, esses meninos começaram com 10, 12 anos e hoje estão com 17 e conseguimos colocar todos em uma escola só e deu para competir em igualdade depois da nova formatação do JEDF, classificando um de cada cidade satélite, porque antes ficava muito difícil para participar porque tipo 70 equipes, ficava uma competição muito longa e cansativa e com equipes muito fortes demais particulares, e do novo formato facilitou um pouco a participação da escola pública né, e... como eu falei, dei sequência a um trabalho antigo com os meninos e deu um resultado interessante.”

Indivíduo 2: “Os jogos escolares ao nosso ver ele funciona em forma de interagir né, socializar os alunos e trazer os alunos para a questão esportiva, não só no aspecto de atividade física, mas também no aspecto de interação, de proposta de mudança de atitude né, de uma forma geral trazendo o aluno para uma cidadania.”

“Primeiro porque os meninos gostam muito, eles buscam, eles cobram da gente e assim para nós a gente já percebeu que, que os meninos que participam dos esportes, eles rendem melhor na escola, eles ficam mais assíduos, é, diminui a evasão escolar e melhora a parte disciplinar também, então assim a gente motiva muito os meninos a participarem e eles cobram muito da gente também.”

Indivíduo 3: “É nosso melhor mecanismo de mensurar o que é trabalhado com os alunos em termos de princípios, valores e observar as atitudes deles tanto na vitória quanto na derrota. Nós só entramos nas competições escolares, damos as bolsas de estudo, mas só competimos competições escolares... não entramos em outras competições, como torneios abertos ou federações sem ser a escolar.”

“Participar dos jogos escolares é decisivo para mensurar o projeto, é decisivo para divulgação e marketing da instituição, a escola tem orgulho de sermos campeões na quadra e na vida, a escola divulga a todo instante no jornal da instituição, no site, revista periódica voltada para o esporte, YouTube, redes sociais, a escola tem orgulho de mostrar o esporte e a melhor forma de mostrarmos isso eu creio que seja os jogos escolares. Nós não participamos de nenhuma outra competição que não sejam jogos escolares.”

Pode-se notar que o discurso do indivíduo 1 vai mais de encontro com a formação e desenvolvimento da equipe ao longo dos anos, a partir da valorização dos resultados encontrados. O indivíduo 2 valoriza o maior nível de envolvimento e participação dos estudantes nas aulas da escola a partir da participação nos Jogos, e isso é interessante de ser observado pois nas escolas públicas principalmente em áreas periféricas ocorre a evasão escolar, onde segundo Neri (2009) a evasão escolar é algo que acontece por uma série de motivos, principalmente ligados a uma entrada precoce dos jovens no mercado de trabalho para suprir a falta de renda, por falta de interesse, e pela restrição de acesso ao serviço educacional de qualidade.

Então, os Jogos nesse ambiente exercem papel motivador para tais indivíduos, tanto para aqueles que participam das equipes, como para aqueles que estão envolvidos nesse processo e nessa atmosfera de mobilização, mas é somente um fator que pode contribuir, pois não é determinante em sanar o problema visto

que principalmente quando o problema está ligado a necessidade de renda da família dos jovens carentes.

O indivíduo 3 tem um discurso sobre o papel dos jogos e da participação de sua escola, a partir da visão do papel educacional que ele acredita ver nos seus alunos após participação no evento, de princípios e valores, e garante que isso só acrescenta no processo de formação dos mesmos, visto que é uma escola que só participa de competições de cunho escolar, não participando de outros tipos de competições. Porém, utiliza também os Jogos como mecanismo de divulgação da escola, a partir dos bons resultados obtidos e do rendimento obtido por seus alunos-atletas, demonstrando a importância que ele dá para os resultados alcançados.

Agora em relação à formação/construção das equipes de futsal que participam dos Jogos, foi perguntado aos dois professores de que forma isso acontece, observando se há um processo de seleção e busca pelos melhores alunos para serem integrantes das equipes.

Indivíduo 1: “Bom, essa em específico, desde os 10 - 12 anos esses meninos vêm competindo em competições mais simples, e a gente foi orientando a ir para uma escola só para a gente colocar todos com um CNPJ só, para ter a possibilidade de participar dos jogos escolares, e no final deu tudo certo de acordo com o planejamento da gente.”

Indivíduo 3: “Observação... primeiro para trazer o atleta correto... conversa com os pais, trazer para a instituição, eu esse ano estou adotando a ideia de trazer o menino antes de vir para a escola, fazer uns 15 treinos comigo, conhecer a escola, assistir uma aula para ver se é realmente o que ele quer, porque o aluno-atleta às vezes tem um sonho de jogar na escola mas ele pensa que é um clube, e não é um clube, somos uma escola... e tem aula de química, aula de Física, aula de Português e tem um intervalo... tem que respeitar professor, respeitar a tia da cantina, a tia da portaria, então esse convívio é decisivo. Com observação, treinamento, carinho, afeto, aliás eu digo que de melhor tem para ser dado dentro de uma construção de esporte escolar é o afeto, é a auto estima, é a confiança... Não é especificamente a repetição de uma coisa chata sem explicação. Eu acho que o final de um treino é tão ou mais importante que o início do treino quando você senta na quadra e fala com os meninos sobre o poder do perdão, por exemplo, eu creio no esporte formativo e acho que o esporte escolar ele é sempre formativo... ganhar ou perder é o menos importante... que a gente ganha e a cidadania e civilidade de um jovem que pensa que no futuro ele será um bom pai, sendo ele atleta ou não.”

Ao analisar tais discursos, percebe-se que ambos fazem um processo de seleção para escolha dos times. O Indivíduo 1, por ser professor do CID, adotou uma estratégia de juntar todos os meninos que fazem parte da sua equipe em uma mesma escola para conseguir participar dos Jogos representando tal escola, e isso caracteriza-se como uma oportunidade de juntar seus melhores alunos-atletas em

um local só a fim de buscar melhores resultados durante participação no evento, o que pressupõe uma seleção. Além disso, ele tem o acompanhamento desses meninos desde que estes tinham 10 anos, portanto fazem parte desse processo de desenvolvimento de iniciação esportiva ao longo dos anos e possibilita ao professor acompanhá-los nas duas etapas dos Jogos.

Com relação ao indivíduo 3, a observação que é feita também pressupõe uma avaliação e consequentemente um processo de seleção de talentos. Porém, a visão que se tem sobre a entrada e escolha dos meninos para a escola é feita de uma forma diferente e com visão ampla dos objetivos e princípios que tais alunos devem seguir, para que estes entendam qual o ambiente em que estão e que ali não é lugar para formação de atletas como um clube se designa a ser, mas sim um espaço de formação humana e que além das atividades ligadas ao esporte, existem situações variadas que acontecem em um ambiente escolar, e que estes precisam entender os valores pregados pela escola, principalmente por ser uma escola franciscana.

Ambos, à sua maneira, empregam estratégias para o desenvolvimento da iniciação esportiva que não se restringe apenas às ações dentro dos muros da escola, na verdade mostram que existe um momento anterior a escola que desenvolve a base a ser lapidada dentro da escola, para representá-la nos eventos esportivos escolares. Então, parece que indiretamente podemos considerar que sem essa estratégia prévia, anterior a escola, os alunos não estariam preparados para alcançar esses bons resultados, parecendo que projetos esportivos iniciados e desenvolvidos na escola não são suficientes para alcançar resultados.

A contradição aparece quando há o discurso que os projetos esportivos não procuram apenas o resultado, mas a formação dos alunos. Porque, se é a formação que interessa, não haveria necessidade de um trabalho extenso de constituição de uma base fora da escola, porque o projeto de formação da escola daria conta. Se pensarmos em todas as outras escolas, podemos articular que elas estão em desvantagem se não tiverem estratégias de formação de base.

Então, temos que problematizar que da forma que está posto o objetivo dessas duas escolas com os jogos escolares é alcançar os melhores resultados e mesmo que a formação esteja pautada em princípios educativos, não significa dizer que este projeto está democratizando o acesso de todos os alunos dessas escolas a prática do esporte. Porque está condicionado a seleção prévia fora da escola por via da constituição de uma base e provavelmente seleção dentro da escola, daqueles

que se encontram bem desenvolvidos para acompanhar o projeto juntamente com aqueles capacitados anteriormente.

Existe o consenso de que a preparação dos alunos que participam dos Jogos Escolares não deve ser realizada dentro da aula de Educação Física, porque causaria exclusão, repressão e constrangimento aos alunos que não apresentassem rendimento. Mas nessas escolas, a abordagem esportiva se dá por via extracurricular, como atividade não nuclear ao currículo, conforme a definição de Saviani (2003), a fim de aprofundar o conteúdo esporte dentro do currículo. Por isso, pergunta-se, de acordo com o que já estudamos o esporte como conteúdo curricular não pode ser pautado pela reprodução do esporte institucionalizado, juntamente com seus valores e princípios, sendo assim, como seria um aprofundamento do esporte educacional? Seria coerente que esse aprofundamento se desse na direção de importar as características do esporte institucionalizado, como busca de resultados, mas valorizando uma dimensão formativa em nome da cidadania e da família?

Essa abordagem extracurricular preza pelo rendimento, pela competição excessiva, e acaba gerando deslumbramentos quanto à carreira profissional, quanto a aquisição financeira, entre outros fatores, que não são condizentes muitas vezes com a realidade escolar, mas também prezam a formação em torno de alguns princípios como respeito, obediência, disciplina com intuito de associa-los ao conceito de cidadania e família.

Essa simbiose, entre esporte escolar e esporte institucionalizado, quando somados a um trato pedagógico formativo, no sentido de esclarecimento, pode ser considerado esporte educacional? E a mesma junção entre valores educacionais e valores do esporte institucionalizado também é realizado nos documentos dessa política que conforma a proposição dos Jogos Escolares. A política pautada em ranquear as escolas participantes induz a essas contradições? Essa política poderia ser pautada de outra maneira que não enfatizasse o melhor time escolar do país? Se o princípio da democratização fosse abordado desde a concepção até execução poderíamos evitar essa junção anacrônica?

Agora, fazendo uma relação com a escola e com o tipo de acompanhamento que se faz com esses alunos, procurou-se entender o mecanismo de acompanhamento dos alunos-atletas que fazem parte das equipes, nas atividades

pedagógicas e no rendimento escolar dos mesmos. Assim os discursos se deram da seguinte maneira:

Indivíduo 1: “Olha, é.... no meu caso, como eu trabalho com CID, para permanecer no Centro de Iniciação Desportiva tem que ter nota durante o ano para poder participar dos eventos, das competições. Nem todos os professores utilizam esse critério, eu não levo ele tão à risca, tão radical, mas eu falo sempre, lembro sempre, porque muitas vezes temos que matar algumas aulas porque os jogos acontecem no horário de aula, então se não tiver bem não justifica participar de eventos, então é uma negociação entre eu, o aluno e os pais e eu tento passar para os colegas a forma que funciona comigo. É.... tem resultados interessantes, mas tem resultados ruins também porque nem sempre dão mesmo valor para as duas coisas.”

Indivíduo 2: “Sim, a gente tem sempre o cuidado de estar observando né, questão de nota, seja no conselho de classe, seja, é, com os conselheiros das turmas e a gente da coordenação a gente procura fazer reuniões com os meninos que participam do time também, e estar acompanhando as notas, o desempenho deles para que o esporte acrescente e não que o esporte acabe atrapalhando na questão escolar né, então a gente procura sempre estar acompanhando no conselho de classe, nas coordenações coletivas e os conselheiros também ficam de olho nessa questão.”

Indivíduo 3: “Sim, os alunos eles têm um reforço de aula para aqueles que estão com dificuldade, eles vêm para as aulas também para a dependência para ter reforço do conteúdo que eles não sabem... eu que faço parte da comissão técnica, da gestão do esporte na escola, sou orientador educacional, então pego o mapa de notas, entro em contato com os pais a cada desajuste pedagógico, chamo o menino para fazer um plano de aulas com ele, um plano de estudos, tabela no Excel, uma organização de estudos diário para eles... explico que não vou afastá-los dos treinos se não tiver nota, mas o risco de reprovação faz com que ele perca a bolsa de estudos... o aluno reprovado ele não tem a bolsa mantida, então ele é sempre acompanhado, é feito uma gestão e tem um cuidado com eles nesse sentido.”

Assim, observa-se que nas duas instituições faz-se um acompanhamento do rendimento escolar dos meninos, no que diz respeito às notas e ao desempenho obtido nas matérias. No caso do indivíduo 1, o esforço para isso ser mantido é um pouco menor pois ele não está no dia-a-dia ali com os meninos, então observa-se que ele tenta acompanhar e orientar os meninos com relação às notas, mas não os impede de participar da equipe, tendo uma relação de conversa e combinados com a equipe gestora, pais e próprios alunos. Já o indivíduo 2 tem maior preocupação quanto à isso, pois entende melhor a situação e condição que os alunos se encontram e faz um acompanhamento mais de perto, incluindo conversas com as turmas em que estes estão, com os próprios alunos e com os professores que os acompanham, entendendo que a participação na equipe e nos Jogos não pode afetar o seu desempenho escolar.

O indivíduo 3, de escola privada, por entender e estar presente nestes dois lados, faz um acompanhamento tanto do rendimento escolar quanto esportivo, e consegue auxiliar os alunos no que eles precisam, ajudando até mesmo a criar um planejamento estratégico de estudo e mostrando a importância da organização para não se prejudicarem nem nos treinos e nem no rendimento escolar. Da mesma forma que no âmbito público, o indivíduo mostra que os alunos não são desligados da equipe caso não tenham bom rendimento escolar, mas nesse caso há uma especificidade de bolsa de estudos. Assim, os alunos que não conseguem aprovação ao final do ano, perdem a bolsa e possivelmente deixam de estar na escola e de fazer parte das equipes, o que desencadeia uma situação em que os alunos-atletas tenham que se esforçar e manter um bom desempenho nas notas e atividades, para poder continuar a disputar os Jogos.

Em comparação com as aulas de educação física, e com o planejamento dos professores de tal componente curricular, buscou-se entender se há espaço para um planejamento conjunto do esporte. Os professores nos trazem as falas:

Indivíduo 1: “Com certeza. Temos um espaço hoje muito bom né, eu lembro que em 93 quando eu comecei você contava aqui na cidade uma ou duas quadras cobertas né... hoje nós temos várias quadras cobertas, temos o espaço... de uns 10 anos para cá sempre temos material suficiente para poder desenvolver um trabalho muito legal, temos profissionais, temos espaço, muita boa vontade, organização e gestão.”

Indivíduo 3: “Sim, até porque são os mesmos... o professor Fabrício, nosso coordenador de Educação Física, ele dá Educação Física de manhã e à tarde é o coordenador de esportes, faz toda nossa gestão. O Lucas, ele é professor da psicomotricidade, dos pequenos, educação física e escolinha dos pequenos e à tarde faz o trabalho tático do futsal. A professora de manhã da educação física do fundamental 1 a tarde dá treino de GR e cheerleader... então é mais que possível, é determinante.”

Na resposta dessa pergunta, o indivíduo 1 aborda a evolução dos espaços física, da infraestrutura, dos recursos materiais que evoluíram ao longo dos anos e que dão suporte e na importância disso para o desenvolvimento do esporte em tais espaços. Faltou da minha parte buscar uma resposta mais completa do entrevistado, tentando entender sua relação e planejamento com os professores de educação física, se há realmente tempo e espaço para isso. Já o indivíduo 3 aborda a relação e planejamento conjunto que é feito pelos professores, muito porque tais professores participam tanto das aulas de educação física, como do treinamento das equipes e do desenvolvimento do esporte na escola privada, o que pode desencadear em uma articulação mais adequada dos conteúdos e dos objetivos propostos para as aulas e



para os treinamentos, que devem ser diferentes e que não deve influenciar na rotina dos alunos-atletas em ambas situações.

Procurou-se entender de que forma a participação nos Jogos afeta o planejamento e o cotidiano escolar, com relação mais à equipe gestora, a fim de identificar se realmente há uma diferenciação e quais as consequências disso, vendo também qual é o apoio dado pelas escolas às equipes esportivas. Os discursos se deram da seguinte forma:

Indivíduo 2: “É... a participação deles nos jogos, interfere muito na questão da escola né, porque às vezes eles precisam faltar, às vezes movimentam muito a escola porque os outros alunos também querem participar torcendo né, indo para os jogos, então a gente acaba alterando um pouco nosso planejamento, mas tudo é feito com tranquilidade, com apoio dos outros professores, os alunos que perdem aulas eles repõe o conteúdo, repõe as atividades avaliativas, então a gente costuma trabalhar em equipe essas questões, e quando tem um jogo mais importante, jogos de final por exemplo, a gente procura levar também os outros alunos para participarem também, para motivá-los a no futuro também fazer parte das equipes.”

“Na nossa escola a gente tem um apoio muito grande da equipe gestora né, então assim, a gente tem apoio com material esportivo né, com bolas melhores, com uniformes, a questão do transporte também é apoiado, é.... os professores de educação física também tem, tem um horário às vezes até um pouco diferenciado por conta das modalidades esportivas, e no aspecto financeiro também às vezes a gente consegue um apoio financeiro por parte dos professores para contribuir com os gastos pessoais dos alunos também.”

Indivíduo 3: “Há momentos estratégicos, por exemplo, levarmos em consideração que o atleta tem demanda de treinos, como nós temos muitos meninos carentes que vem do entorno: Planaltina, Santo Antônio do Descoberto, Cidade Ocidental, Valparaíso, nós já tivemos atletas de Formosa por exemplo, esse menino chega cansado na escola, vai ter depois uma rotina de treinos pesada, nós alteramos algumas situações, agora nós temos nutricionista voltado para essa atenção dos atletas porque os atletas pediram do futsal, por exemplo, para treinarem 12h25... só que com isso ele não almoça, então tivemos que mudar nossa rotina para ter um nutricionista para passar uma demanda de lanche melhor para eles, estimular o consumo de frutas, boa hidratação, é... uma compreensão dos professores e coordenadores em períodos de viagem para que eles não tenham nenhum dano pedagógico... então não existe uma complicação, afeta mas é complementar, a escola em nenhum momento se queixa do esporte como uma razão de ser um fardo, é uma razão de orgulho para todos envolvidos da comunidade escolar: pais, professores, coordenadores e gestores de atletas e não-atletas, os pais todos têm orgulho do esporte na instituição, como já falei num áudio anterior, junto com o fato de ser uma escola inclusiva, de ser uma escola com projeto esportivo, são as duas maiores bandeiras da instituição, as maiores forças.”

“Os alunos atletas bolsistas recebem a mensalidade como benefício né, o não custear da mensalidade, eles receberam esse ano todo o material escolar, eles recebem o atendimento de nutricionista, eles recebem o atendimento de uma orientação educacional voltada para o esporte dentro da premissa de psicologia esportiva, de análise de resultados, scouts, eles recebem um suporte técnico-tático de profissionais da comissão técnica que fazem cursos voltados para equipes de base de 12 anos de idade até 17 anos de idade, eles recebem um amparo do serviço de ensino religioso para

toda parte motivacional, espiritualidade, fé, gratidão, esperança, é... uma vocação de respeito ao próximo, então todo esse suporte pela instituição é dado, além da compreensão de serem meninos que precisam de uma atenção maior porque eles tem um desgaste de energia muito grande ao longo do dia e que eu tenho certeza que em muitas instituições alguma agitação é mal compreendida, alguns conflitos que podem ocorrer não tem esse alcance, então desde a orientação que é voltada para o atleta, as coordenações tem todo um cuidado, um carinho e um grande orgulho dos atletas fazerem parte da instituição.”

Nessa situação, percebe-se que as escolas fazem de tudo para ajustar o seu calendário e seu planejamento para não prejudicar a participação dos alunos nos jogos e nem o rendimento dos mesmos nas atividades escolares. O cotidiano pode ser alterado e afetado, mas não prejudica nem o planejamento por parte dos gestores e nem o desempenho dos alunos-atletas. No caso da escola privada, a partir da fala do indivíduo 3, percebe-se também que se tem um maior cuidado com o estado de saúde dos meninos, e por uma possível quantidade maior de recursos financeiros, busca-se uma equipe maior de apoio, até no sentido nutricional, para dar um suporte adequado para esses meninos. Juntamente com isso, os dois ambientes dão apoio e suporte às equipes esportivas, sendo que no ambiente público busca-se apoio interno também para oportunizar a participação desses meninos em competições regionais e principalmente nacionais também. No ambiente privado, há o caso das bolsas de estudo, em que os estudantes não pagam a mensalidade e ainda recebem todo material escolar necessário, mostrando que eles têm um suporte para estudar e participar das equipes.

Com relação ao indivíduo 2 e indivíduo 3 ainda, que fazem parte da equipe gestora, buscou-se identificar se a direção/coordenação participa ou interfere na preparação das equipes esportivas. Assim, se há também algum tipo de incentivo dado pela equipe para atrair e estimular os estudantes, sendo observado o seguinte:

Indivíduo 2: “Na preparação não né, porque a equipe gestora fica na área dela que é administrativa né, questão orçamentária e financeira, a preparação das equipes fica a cargo realmente da equipe de educação física, que trabalha de forma, é, com bastante autonomia e a equipe gestora dá realmente todo apoio, todo suporte e incentivo para que a equipe de educação física trabalhe com tranquilidade.”

“É.. Na verdade assim, a gente, é, procura fazer passeios com eles né, assim, à medida que eles vão tendo um bom desempenho na atividade esportiva, a gente faz passeios, faz lanches especiais, churrasco, além disso a gente consegue com doações financeiras dos professores e de amigos da escola, a gente consegue também dar uma quantia em dinheiro para eles, por exemplo, quando eles foram viajar a gente conseguiu dar um apoio também financeiro para isso.”

Indivíduo 3: “Sim, por exemplo, nosso vice-diretor que é uma espécie de padrinho do esporte, ele faz questão de assistir treinos regularmente, ele pergunta o desempenho do menino em sala de aula e nos treinos e nos jogos... a diretora que é uma freira, irmã Inês, ela adora esporte, nosso vice-diretor é Fluminense, nossa diretora é gremista, tem a cultura do esporte muito intensa, acompanham treinos perguntam sobre a performance dos atletas, temos encontros com os pais, estabelecem encontro da família com a escola dos alunos- atletas... a direção sempre presente, a direção pergunta por exemplo se houve uma melhora de postura em sala, a direção está presente na primeira semana de aula, que tem a dinâmica de apresentação dos atletas para instituição e das equipes para escola. Toda vez a direção que faz a primeira conversa de acolhida, explica o que é ser a escola, o que é orgulho de ser essa família no esporte, o que é ser campeão na quadra e na vida, eles são muito vivos no mundo dos atletas, eles passam pelos meninos e perguntam: E aí meu filho como foi o jogo? Os atletas conhecem a diretora como irmã Inês, e o diretor como Professor Jarbas... é realmente um clima familiar, por ser uma Escola Franciscana isso é muito comum, não é nada exagerado, é comum pra gente, tanto para o vôlei como para o futsal.”

“Tem a bolsa de estudos, tem o... muitos meninos vieram esse ano pro Fátima sem a bolsa... foi um ano atípico, alunos vieram de outras escolas particulares porque queriam fazer parte da equipe: La Salle, Marista, COC, Notre Dame... então fazer parte da equipe de rendimento escolar acaba sendo um diferencial, além da própria bolsa de estudos.”

Observa-se que na escola pública a preparação fica mais a cargo do professor para a montagem e seleção dos alunos, sendo que a equipe gestora dá o suporte, mas deixa para a equipe de educação física e para o professor de futsal essa preparação e concede benefícios para os alunos quando conseguem bons resultados esportivos, numa tentativa de estimulá-los mais, como recompensa. Na escola privada, pode-se fazer uma análise que a equipe acompanha mais de perto a entrada desses meninos para a equipe esportiva, explicando o funcionamento do esporte dentro da escola, motivada também pelo gosto que estes têm pelo esporte, e analisando o desempenho dos alunos-atletas, tanto nos treinos e jogos, como nas aulas. O apoio é nítido nesse ambiente, observado também muito pelo processo de fornecimento de bolsas de estudo que a escola tem.

A partir disso, buscou-se entender se a participação dos alunos-atletas nos Jogos afeta a participação e o envolvimento dos mesmos nas atividades pedagógicas e extracurriculares. Os 3 indivíduos responderam essa questão, sob a ótica que cada um tinha:

Indivíduo 1: “Olha, é.... foi uma pergunta interessante. Essa foi minha defesa de doutorado, é eu acho que somente o esporte e a arte é capaz de resgatar essa garotada em situação de risco, você observa a mudança de comportamento imediatamente após escutar o hino nacional tocar e representar sua comunidade em outros locais, em outros eventos, é.... a mudança é imediata, isso é perceptível. Eu faço isso há 23 anos e muda completamente a forma de agir, abre o ambiente para ver outras coisas,

outras possibilidades, aumenta as possibilidades né... então acho que é fundamental na formação do garoto participar de tais eventos né, seja em qual modalidade for, acho que é muito interessante você escutar o hino nacional e representar sua comunidade em algum lugar.”

Indivíduo 2: “Sim, percebo, porque eles acabam interagindo com os alunos de outras turmas. Como a equipe é formada por alunos muitas vezes de turmas e de anos diferentes, eles acabam interagindo mais, e isso facilita né, nos projetos que a escola desenvolve, então facilita pela interação, facilita pela motivação deles em estar participando, e em ter visibilidade na escola, e isso faz com que eles se sintam... tenha a autoestima elevada e facilita nossos projetos.”

Indivíduo 3: “Notório, notório... a comunidade escolar tem orgulho do futsal, do vôlei, agora da equipe de GR, da equipe de cheerleader, da patinação... e os alunos atletas melhoram o desempenho escolar a partir de sua inserção nas equipes, não jogam comigo ou conosco apenas os bolsistas... fazemos questão de colocar “X” atletas que são alunos pagantes normais para fazerem parte das equipes como forma de motivação. Eles gostam de vestir a camisa, é uma camisa diferenciada para o atleta, o aluno-atleta tem uma camisa diferenciada para o dia-a-dia, então eles têm orgulho disso... os funcionários da escola perguntam: E aí ganharam o jogo? Como é que foi? Eles todos se sentem campeões com isso, os pais de alunos que não são atletas assistem jogos, pedem informações, já existe toda uma comoção com todos os envolvidos, isso é... Talvez seja o nosso maior combustível, nós trabalhamos esse ano... já vinha acontecendo há algum tempo, por exemplo, o retorno de ex alunos para a escola se tornando professores, então primeiro professor Davi, que é um ex-aluno atleta meu, veio ser professor, depois professor Lucas ex-aluno atleta que se tornou professor, e agora a professora Laila que assumiu o vôlei feminino, o professor de música da escola ele é um ex-atleta, o nutricionista é um ex-atleta, o professor de química é um ex-atleta... então assim, os alunos criam uma atmosfera de identidade com a instituição e o esporte é decisivo em relação a isso... talvez só quem já foi atleta da escola, sabe que ele carrega para sempre orgulho de ter feito parte da instituição, porque literalmente vestiu camisa, brigou por aquele ideal, e no grito de guerra que eu trato muitas vezes como grito de paz, é “um dois três” e o nome da escola, isso fica para sempre, não há quem tire isso do coração do menino, e no fundo ele vai ter muito orgulho de botar o seu filho um dia para estudar ali, para que complete sua história, isso só o esporte é capaz de fazer né, o esporte transforma as vidas.”

Muito perceptível que nos dois ambientes e pelas 3 falas, que a participação nos Jogos é decisiva e fundamental para um maior envolvimento dos alunos nas atividades escolares, sendo que os alunos ficam mais assíduos e participativos nos projetos extracurriculares, mais envolvidos e conseguem ver naquele local um espaço de oportunidades variadas. Na escola privada, os alunos que participaram dos Jogos e faziam parte das equipes esportivas, até conseguiram retornar à escola como professores, mostrando que a escola teve papel importante no processo dos mesmos e a que a chance de continuar essa caminhada foi essencial.

Para entender a visão dos Jogos Escolares que os professores tinham, perguntou-se se a gestão e organização do evento deveria continuar sendo feita pela SEDF ou mudar para a Secretaria do Esporte, buscando identificar o

entendimento dos professores das equipes sobre a visão estratégica dos Jogos, bem como o entendimento dos mesmos sobre os aspectos negativos e positivos de tal política. Assim sendo, as falas se deram da seguinte forma:

Indivíduo 1: “Olha... da forma que está acontecendo agora eu achei uma forma mais justa, porque acontece pela Secretaria de Educação e com esse formato de classificando o primeiro e às vezes o segundo de cada cidade satélite, facilitou a chegada e a participação da escola pública.”

“Olha... aspectos positivos que os garotos passam a ser referência e sendo bem orientados, ajuda e muito o ambiente escolar. Aspectos negativos são algumas, alguns, algumas coisas né e que acaba atrapalhando um pouco o administrativo da escola e eu não, nem considero como atrapalhar, por exemplo, você fazer uma movimentação para dispensar alunos por motivo de prova, trabalho, depois tem que repetir o processo, às vezes atrapalha, mas eu acho que é para um algo maior né, você ter uma escola, por exemplo, um 619 de Samambaia representando Distrito Federal numa competição nacional, a nível de Brasil aí, levando meninos com poucas possibilidades para fora do local de moradia né, saindo da cidade pequena indo para uma capital, uma metrópole, conhecer outras coisas, acho que é muito interessante.”

Indivíduo 3: “São esportes escolares... eu creio que a Secretaria de Educação é o melhor meio de organização para os jogos, e eu adoraria que a Secretaria de Educação e a Secretaria de Esporte caminhassem sempre juntos... Esporte e educação são as maiores ferramentas de transformação social e de valores do ser humano, mas eu prefiro que a Secretaria de Educação organizem os jogos. Posso estar errado nessa minuta, mas aqueles que eu melhor vi organizando os jogos vieram da Secretaria de Educação.”

“Eu adoraria que tivesse um cuidado, em geral, uma aproximação de professores na questão formativa... ainda fico muito angustiado com professor que pega menino pela gola, com professor que grita palavrões na quadra, com professor que fala aos berros com arbitragem, com torcida mal educada de alunos-atletas, professores e pais... não sei lidar com isso, eu acho que esporte escolar não é um ambiente de torcida estilo torcida organizada “Vasco, Flamengo, Botafogo, Fluminense...” não cabe isso no escolar, eu acho que o educacional, formativo em primeiro lugar, então por exemplo adoraria que as comissões disciplinares fossem extremamente severas... Eu já estive em comissão disciplinar nos Jogos Escolares da Juventude em 2008, porque não tínhamos números no calção, porque nossa escola tem um perfil de escola sem muita grana... E eu lá fui e fiquei constrangidíssimo... falei que nunca mais voltaria, não foi um ato de dolo ou de improbidade, só não tínhamos número no calção que era mais barato ter um calção de reserva sem número, inclusive eles mudaram a regra depois disso... mas só quem vai a uma comissão disciplinar bem feita, bem gerida, entende que não deveria estar lá... então adoraria que tivesse um cuidado maior com questões de valores, princípios, fair play, porque isso falta demais não só no DF, no Brasil como um todo... professores são formadores de opinião e sua conduta é espelho e reflexo para o time... quando eu vejo uma equipe que bate de maldade é porque eu sei que o professor estimula isso e fala: “faça falta”... nunca mandei um atleta meu fazer a falta, eu perco um jogo mas eu mando ele correr atrás da bola, nunca fazer a falta, aliás nem nos treinos eu peço isso... se a gente não dá o respeito como exemplo de conduta, como cobraremos isso... então seria lembrar aos professores que eles são educadores e não são treinadores desportivos.”

A partir das falas, observa-se que os dois professores acreditam que a SEDF deve continuar organizando os Jogos, com uma visão e conhecimento não muito aprofundados sobre tal questão, mas que entendem que é a melhor forma de organização, feito do jeito que está funcionando atualmente, e que tal secretaria é a que melhor entende a forma como os Jogos devem ser organizados.

Com relação aos aspectos positivos e negativos dos Jogos, o indivíduo 1 teve uma visão mais relacionada ao funcionamento da sua equipe e da escola, mais numa organização interna, de organização das atividades pedagógicas e da rotina de treinos e jogos dos estudantes. O indivíduo 3 traz mais uma visão ampla sobre a representatividade dos Jogos e do esporte escolar, destacando qual deve ser a função dessa vertente, no sentido de formar indivíduos com valores e princípios, respeitosos, educados, fazendo uma crítica ao modelo que está exposto atualmente, à postura que professores tem, que pais e torcedores tem, vendo nessa competição algo semelhante à competições de clubes. A visão compreendida é a de que esporte e competições escolares não são espaços para isso, são espaços sim para uma vertente educacional, de formação, não de esportivização, não do esporte institucionalizado, de alto rendimento, mas sim para promover educação.

Podemos destacar que esses discursos vêm de escolas que foram premiadas pelos resultados do processo no qual se deu a execução da política em âmbito local, uma defende continuação do modelo atual e a outra reforma do modelo atual. O que poderia contribuir para essa discussão seria a organização pautada em uma discussão democrática de todas as escolas acerca dos pontos positivos e negativos dos jogos.

## 5º CAPÍTULO - CONCLUSÃO

A análise do estudo de caso feito com as duas escolas, a partir das entrevistas com os gestores e professores das equipes de futsal, serviu para entender a realidade desse contexto escolhido a partir da participação nos Jogos Escolares e nas suas mediações com o planejamento pedagógico, com as aulas de educação física e os regulamentos dos jogos.

As duas escolas recebem apoio da direção, da coordenação e dos professores e há uma mobilização da escola em torno da participação da equipe nos Jogos, por parte de toda comunidade escolar. Há tempos específicos nas duas escolas para treinamento das equipes de futsal, com horários determinados para a preparação dos times, sendo que também há um processo de seleção para os estudantes integrarem a equipe. No caso da escola pública, os alunos treinam no CID e foram colocados na mesma escola para poderem participar do JEDF. Na escola particular acontece uma avaliação para a seleção dos melhores poderem representar a equipe de futsal.

As escolas participam do JEDF para poder oportunizar aos alunos a participação em eventos regionais e nacionais, além de ver a importância que o esporte tem para tais indivíduos e conseqüentemente para o ambiente escolar, pois a participação da equipe mobiliza a comunidade escolar e principalmente os alunos-atletas em torno das atividades pedagógicas e extracurriculares. Na escola particular, há também o discurso de que a participação e principalmente os bons resultados obtidos no JEDF e JEJ são bons mecanismos de divulgação do nome da instituição, a fim de atrair mais estudantes. Vale ressaltar também que a escola particular concede bolsa de estudos para alunos-atletas como benefício para estudar e jogar pela instituição.

A participação nos jogos, nos dois âmbitos, afeta e interfere o planejamento das aulas em algumas ocasiões, tendo que haver uma reorganização das aulas, em dias que os alunos têm jogos e perdem aulas, por exemplo. Porém, o que foi constatado é que isso é feito de forma acordada entre direção, coordenação, professores e alunos-atletas. Não há, dessa forma então, um prejuízo quanto às aulas e os conteúdos que estão presentes no currículo escolar. Os alunos recebem um acompanhamento quanto ao seu rendimento escolar, mas não são impedidos de participar de treinos e jogos por conta de um possível rendimento abaixo do

esperado, o que acontece é uma orientação e conversa com alunos e pais sobre a situação. Na escola particular há a particularidade da perda da bolsa de estudos em caso de reprovação ao fim do ano.

As hipóteses de que os Jogos servem como um mecanismo de seleção dos melhores, da busca por talentos, foram confirmadas durante análise do estudo de caso. Foi observado que apesar de ser feito um discurso do papel e da vertente educacional de tal política, tanto na sua concepção, através da leitura dos regulamentos, quanto pela fala analisada dos gestores e professores, há uma contradição quando se olha para os resultados alcançados e nas estratégias adotadas. Assim, o esporte nesses dois âmbitos, de forma extracurricular, serve para disseminar um caráter de alto rendimento dentro da escola. Além disso, há a diferença de preparação nos dois ambientes para a participação nos jogos, mas para os estudantes integrantes das equipes e para a comunidade escolar, a participação gera uma mobilização muito forte nas escolas, e tem grande valor para as duas instituições.

Portanto, o esporte enquanto conteúdo da educação física escolar, em momentos específicos dentro das duas instituições, está subordinado aos moldes do esporte institucionalizado. Partindo do entendimento que o esporte só faz sentido se for pedagogizado e estar de acordo com o projeto político-pedagógico, enquanto atividade nuclear, há a necessidade de uma real visão sobre o papel do esporte dentro da escola.

Portanto, a organização das escolas para participação nos Jogos acontece de forma diferente, até pela própria organização interna e características que definem escola particular e escolar pública, mas a mobilização é muito forte nos dois âmbitos e acontece de forma semelhante, como foi observado e definido. A análise desse contexto permite identificar que os bons resultados nos Jogos acontecem através de seleção, de busca pelo rendimento e isso tem reflexo na comunidade escolar, visto de forma positiva nesse recorte da realidade analisado.

Os discursos analisados nos levam a esse balanço positivo porque essas escolas trabalharam com estratégias que deram certo quanto ao aspecto de alcance de resultados esportivos, sendo que foram campeãs das duas últimas edições. Portanto, apontamos a necessidade de pesquisas que possam apresentar novas propostas políticas para eventos esportivos no âmbito escolar, cuja o formato não seja consolidado de contradições, como ser espelhado nos modelos de competições



olímpicas, mas sim com objetivos esportivos educacionais. E que também seja democrático desde a concepção e implementação.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, A.; MARTINS, F.; SARMENTO, P. **Jogos escolares brasileiros: reconstrução histórica**. Revista Motricidade, Montes Claros, vol. 8, n. S2, p. 916-924, 2012.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Usos e abusos dos estudos de caso**. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.

BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. **Escola, Educação Física e Esporte: Possibilidades Pedagógicas**. Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, v. 1, n. 4, p. 101-114, dez. 2006.

BASSANI, J; DANIELLE T; ALEXANDRE V. **"Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambigüidades"**. Movimento, vol. 9, no. 2, 2003, pp. 89-112. Editorial Escola de Educação Física.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica Dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC, Florianópolis, v. 2, n. 1, p.68-80, jan. 2005.

BORGES, E. DE C. BUONICORE, A.C. **Memória do esporte educacional brasileiro: breve história dos Jogos Universitários e Escolares**. São Paulo: Centro de Estudos e Memória da Juventude, 2007.

BRACHT, V. **"Esporte na escola e esporte de rendimento"**. Movimento, vol. VI, no. 12, 2000, pp. XIV-XXIV. Editorial Escola de Educação Física.

BRACHT, V. ALMEIDA, F. **A política de esporte escolar no brasil: a pseudovalorização da educação física**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 24, n. 3, p. 87-101, maio 2003.

BRACHT, V. **Educação Física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí: Unijuí, 2014, 4ª edição.

BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física.** Caderno Cedes, Campinas, ano 19, n. 48. p. 69-89, ago. 1999.

CASTELLANI FILHO, Lino; CASTELLANI, Rafael Moreno. **Os jogos de minha escola.** Campinas: Autores Associados, 2009.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.

FONSECA, Cris. **Futsal: o berço do futebol brasileiro.** São Paulo: Aleph, 2007.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro.** São Paulo: Scipione, 1989.

GAMBOA, S. A. S. **Pesquisa qualitativa: superando tecnicismos e falsos dualismos.** In: **Contra Pontos.** Revista do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação. UNIVALI, Itajaí, v. 3, n. 3, set./dez. 2003.

GÓIS JUNIOR, E. **Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX.** Movimento, Porto Alegre, v.19, n.1, p.139-159. 2013.

MALINA, A.; CESARIO, S. **Esporte: Fator de Integração e Inclusão Social?** Campo Grande, Editora UFMS. 2009.

MANSANERA, A; SILVA, L. **A influência das idéias higienistas no desenvolvimento da psicologia no Brasil.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 5, n. 1, p. 115-137, abr. 2000.

MENDES, A. AZEVÊDO, P. **Políticas públicas de esporte e lazer & políticas públicas educacionais promoção da educação física dentro e fora da escola ou dois pesos e duas medidas?** Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 32, n. 1, p. 127-142, setembro 2010.

NASCIMENTO, Edriane Lima do. **Políticas públicas e esporte educacional: adeus ao atleta na escola?** 2016. xv, 197 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação Física) —Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

NERI, M. (Coord.). **Motivos da evasão escolar**. Brasília: Fundação Getulio Vargas, 2009.

REIS, N. S. **Políticas de esporte educacional nos governos Lula e Dilma: avanços, limites e anacronismos**. 2015. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) -Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SOARES, C. L. **Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade**. Revista Paulista de Educação Física, (sup.2). 6-12. 1996.

VEIGA, I. P. A. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva**. In: VEIGA, Ilma Passos da (org.). Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: Papirus, 1998. p.11-35.

VEIGA, I. P. A. **Inovações e projeto político-pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória?** Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 61, p. 267-281, dezembro 2003.

DISTRITO FEDERAL, Secretaria de Educação. **Projeto Político Pedagógico das escolas públicas do Distrito Federal**. Disponível em: <<http://www.se.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/pppCED-619-CRE-SAMAMBAIA.pdf>>. Acesso em: 25/11/2018.

DISTRITO FEDERAL, Secretaria de Educação. **Chaveamento de Modalidade Coletivas dos Jogos Escolares do Distrito Federal**. Disponível em: <[http://escolas.se.df.gov.br/gefid/images/Chaveamento - Modalidades Coletivas - Etapa Distrital.pdf](http://escolas.se.df.gov.br/gefid/images/Chaveamento_-_Modalidades_Coletivas_-_Etapa_Distrital.pdf)>. Acesso em: 27/11/2018.

DISTRITO FEDERAL, Secretaria de Educação. **Regulamento Geral dos Jogos Escolares do Distrito Federal.** Disponível em: <[http://escolas.se.df.gov.br/gefid/images/REGULAMENTO\\_GERAL\\_JEDF\\_2018\\_02.03.18.pdf](http://escolas.se.df.gov.br/gefid/images/REGULAMENTO_GERAL_JEDF_2018_02.03.18.pdf)>. Acesso em: 15/11/2018.

BRASIL. **Regulamento Geral dos Jogos Escolares da Juventude.** Disponível em: <<https://www.cob.org.br/Handlers/RecuperaDocumento.ashx?codigo=5072>>. Acesso em: 15/11/2018.

BRASIL. **Pnud.** Disponível em: <<http://movimentoevida.org/sumario/capitulo-8/>>. Acesso em: 31/07/2018.

**ANEXOS E APÊNDICES – Roteiros de entrevistas semiestruturadas e termos de consentimento livre e esclarecido**



**Universidade de Brasília**  
Faculdade de Educação Física

**Roteiro de Entrevista:**  
**(Diretores ou Coordenadores Pedagógicos)**

1. Qual é o papel do esporte na escola?
2. O esporte faz parte do Projeto Político Pedagógico da Escola? De que forma?
3. Para que servem os Jogos Escolares?
4. Por que sua escola participa dos Jogos Escolares?
5. De que forma a participação da sua escola nos Jogos afeta o cotidiano e o planejamento escolar?
6. Qual é o apoio dado pela escola às equipes esportivas?
7. A Direção participa ou interfere de alguma forma na preparação das equipes esportivas? Se sim, descreva.
8. Há algum tipo de mecanismo de acompanhamento do rendimento escolar dos estudantes das equipes esportivas?
9. Vocês utilizam algum tipo de incentivo extra (bolsas ou prêmios) para atrair ou estimular os estudantes/atletas?
10. Você percebe um nível de motivação e envolvimento maior dos alunos com a comunidade escolar, atividades pedagógicas e atividades extracurriculares após participação da escola nos Jogos? Como isso acontece?



**Universidade de Brasília**  
Faculdade de Educação Física

**Roteiro de Entrevista:**  
**(Técnicos Esportivos)**

1. Qual é o papel do esporte na escola?
2. O esporte faz parte do Projeto Político Pedagógico da Escola? De que forma?
3. Para que servem os Jogos Escolares?
4. Por que sua escola participa dos Jogos Escolares?
5. De que forma são organizadas/construídas as equipes esportivas?
6. Há algum tipo de mecanismo de acompanhamento do rendimento escolar dos estudantes das equipes esportivas?
7. Na escola há espaços para um planejamento coletivo do esporte envolvendo os professores de Educação Física e os técnicos esportivos?
8. Atualmente os Jogos são organizados pela Secretaria de Educação do DF. Em sua opinião, os Jogos deveriam permanecer sob a gestão da SEDF ou ser organizados pela Secretaria de Esporte do DF. Justifique sua resposta.
9. Você percebe um nível de motivação e envolvimento maior dos alunos com a comunidade escolar, atividades pedagógicas e atividades extracurriculares após participação da escola nos Jogos? Como isso acontece?
10. Quais são os aspectos (administrativos e pedagógicos) positivos e negativos dos Jogos escolares?



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) professor (a) para participar do estudo sobre a modalidade futsal nos Jogos Escolares do Distrito Federal, sob responsabilidade do estudante **Leandro Ribeiro**, com orientação do professor Dr. **Pedro Fernando Avalone de Athayde** (matrícula FUB 1070754), da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília.

A referida pesquisa é parte do Trabalho de Conclusão de Curso de licenciatura em Educação Física. O estudo tem como objetivo *analisar a relação entre esporte e escola, a partir de um estudo de caso da modalidade futsal nos Jogos Escolares do DF*.

Informamos que a sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará em qualquer penalidade. A participação consiste em responder a dez questões de um roteiro de entrevista semiestruturada. Comprometemo-nos a preservar a identidade dos participantes da pesquisa, uma vez que não haverá divulgação do nome dos entrevistados. Além disso, as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para a produção deste trabalho e não poderão ser repassadas para outras finalidades ou pesquisas.

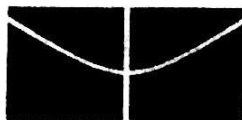
Diante do exposto, Eu, CARLOS DE SOUZA MAIA  
(nome do Professor/Coordenador), reconheço que fui informado pelo pesquisador sobre as condições de realização da pesquisa e aceito fazer parte deste estudo. Ao mesmo tempo, me comprometo a responder ao questionário apenas com informações verídicas.

Brasília, 30/10/2018.

Assinatura do professor orientador

Assinatura do participante





## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) professor (a) para participar do estudo sobre a modalidade futsal nos Jogos Escolares do Distrito Federal, sob responsabilidade do estudante **Leandro Ribeiro**, com orientação do professor Dr. **Pedro Fernando Avalone de Athayde** (matrícula FUB 1070754), da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília.

A referida pesquisa é parte do Trabalho de Conclusão de Curso de licenciatura em Educação Física. O estudo tem como objetivo *analisar a relação entre esporte e escola, a partir de um estudo de caso da modalidade futsal nos Jogos Escolares do DF*.

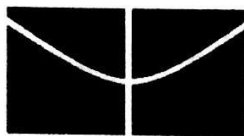
Informamos que a sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará em qualquer penalidade. A participação consiste em responder a dez questões de um roteiro de entrevista semiestruturada. Comprometemo-nos a preservar a identidade dos participantes da pesquisa, uma vez que não haverá divulgação do nome dos entrevistados. Além disso, as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para a produção deste trabalho e não poderão ser repassadas para outras finalidades ou pesquisas.

Diante do exposto, Eu, Edno Sane Lucas  
(nome do Professor/Coordenador), reconheço que fui informado pelo pesquisador sobre as condições de realização da pesquisa e aceito fazer parte deste estudo. Ao mesmo tempo, me comprometo a responder ao questionário apenas com informações verídicas.

Brasília, 09/10/2018.

Assinatura do professor orientador

Assinatura do participante



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) professor (a) para participar do estudo sobre a modalidade futsal nos Jogos Escolares do Distrito Federal, sob responsabilidade do estudante **Leandro Ribeiro**, com orientação do professor Dr. **Pedro Fernando Avalone de Athayde** (matrícula FUB 1070754), da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília.

A referida pesquisa é parte do Trabalho de Conclusão de Curso de licenciatura em Educação Física. O estudo tem como objetivo *analisar a relação entre esporte e escola, a partir de um estudo de caso da modalidade futsal nos Jogos Escolares do DF*.

Informamos que a sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará em qualquer penalidade. A participação consiste em responder a dez questões de um roteiro de entrevista semiestruturada. Comprometemo-nos a preservar a identidade dos participantes da pesquisa, uma vez que não haverá divulgação do nome dos entrevistados. Além disso, as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para a produção deste trabalho e não poderão ser repassadas para outras finalidades ou pesquisas.

Diante do exposto, Eu, Pauliana Rodrigues G. de Paiva  
(nome do Professor/Coordenador), reconheço que fui informado pelo pesquisador sobre as condições de realização da pesquisa e aceito fazer parte deste estudo. Ao mesmo tempo, me comprometo a responder ao questionário apenas com informações verídicas.

Brasília, 09/10/2018.

Assinatura do professor orientador

Assinatura do participante